Omolubá

Coleção 4 MEMÓRIA DO SANTE

Cadernos de Umbanda

2ª Edição



- **PRETOS VELHOS**
  Veneráveis Protetores
- **INICIAÇÃO RITUALÍSTICA NA UMBANDA**
  (Ordenação Sacerdotal)
- **SÍMBOLOS**
  Pontos Riscados dos EXUS

PALLAS

Coleção 4 MEMÓRIA DO SANTÉ

Cadernos de Umbanda

Editor: Cristina Warth
Programação Visual/Capa: Renato Martins
Desenhos: Ney Lima e Renato Martins
Arte final: Luiz Epitácio de Oliveira e Imara Rodrigues
Composição: Walter José e Cintia Ribeiro
Apoio bibliográfico: "Dic. Culto Afro-Brasileiro"
Olga Gudolle Cacciatore
"Curso de Cultura Rel. Afro-Brasileira"
Fernandes Portugal
"Fundamentos de Umbanda"
Israel Cysneiro e Omolubá
Fotos: Ney Lima
Fotolitos: Jardim América Ltda. (Manolo)
AGRADECIMENTOS: Ogans dos Templos Umbandistas de Omolu e aos 142 sacerdotes de Umbanda visitados.

Copyright © 1988/1994 by Omolubá

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Omolubá
065c Cadernos de Umbanda IV / Omolubá. – 2. ed. –
2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1994.
(Coleção Memória do Santé; 4)

Inclui glossário.
ISBN 85-347-0033-8

1. Umbanda – Rituais. I. Título. II. Série

CDD – 299.64
94-0205 CDU – 299.6.3

Direitos desta edição reservados à
PALLAS – Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Frederico de Albuquerque, 44 – Higienópolis
CEP 21050-840 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: 270-0186 – Fax (021) 590-6996

PALLAS

Neste Número

- **A Sessão de Umbanda**
  Pretos Velhos – Veneráveis Protetores. 3

  Recapitulando
  I – Deus Único
  II – Tríplice Aspecto
  IV – Sete Tendências (os Sete Raios)
  VI – O Poder Expresso da Divindade
  Símbolos – Sacramentos – Pontos riscados e cantados. . . . 9
- **Apontamentos.** 15
- **Receitas da vovó Anastácia.** 21
- **Glossário.** 23
- **Iniciação Ritualística na Umbanda**
  (Ordenação Sacerdotal). 33

Até sempre...

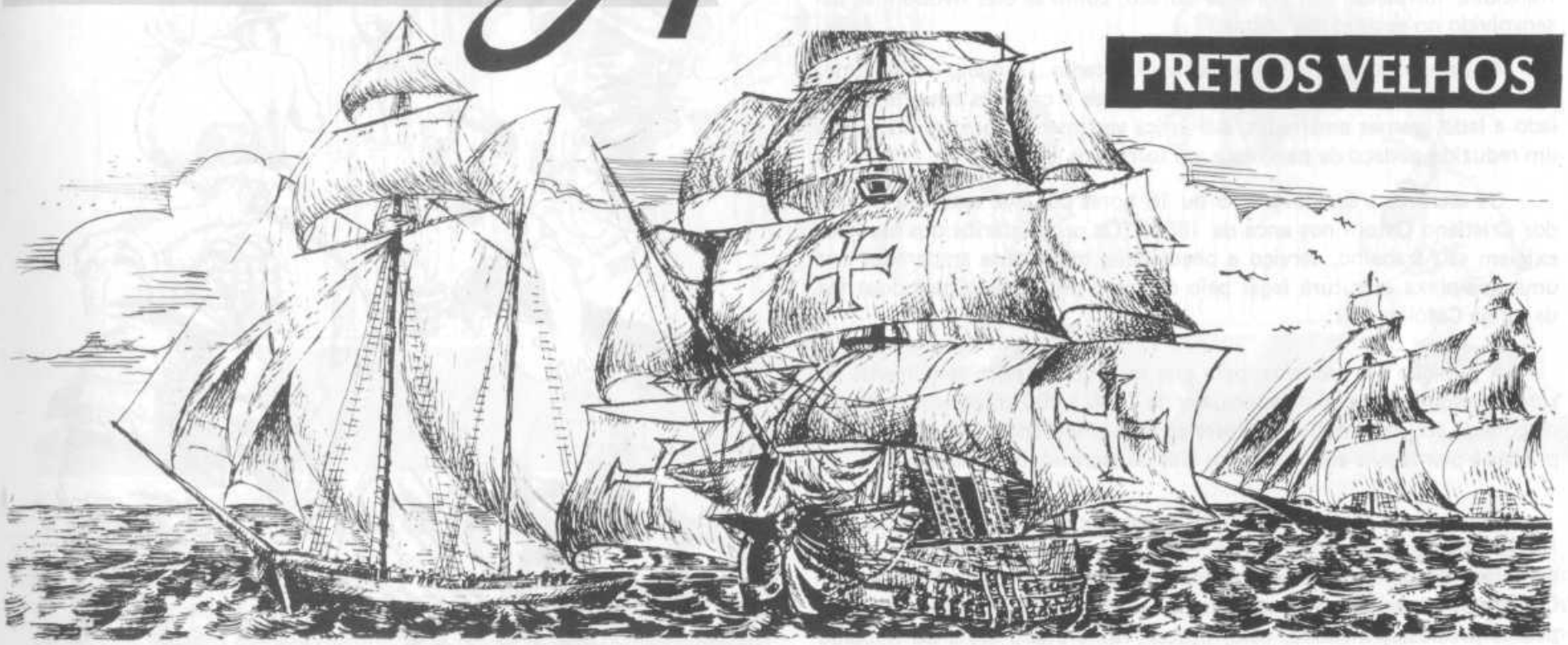
Aos milhares de leitores, devotos da Umbanda, simpatizantes, estudiosos da cultura afro-brasileira e outros mais, desejamos, manifestar nossos agradecimentos pela acolhida aos Cadernos de Umbanda. Publicação simples, despretensiosa, mas sobretudo autêntica e sem alienações, sem fantasias, demonstrar firmemente e com realismo, o estado de "ser umbandista". Por certo, muito mais encontrarão os amigos leitores nos legítimos Terreiros de Umbanda, onde a faina contra o mal tem sido constante e vitoriosa, apesar dos "negociantes da Bíblia" estipendiados em dólar por instituições governamentais do Norte, ou da voraz hidra Romana. Salvam-se raras e honrosas exceções entre os fiéis religiosos desses campos doutrinários. Mesmo assim, uns e outros são filhos do Divino Ser.

Tenhamos fé no Orixá que reside em nossos corações.

Glória a OLORUN

A SESSÃO DE UMBANDA

PRETOS VELHOS



COMO AQUI CHEGARAM OS NEGROS AFRICANOS

O tráfico de escravos da África para o Brasil caracterizou-se por uma cruenta tragédia da história humana, só comparável à Inquisição. Nesses dois trágicos acontecimentos da vida mundial, a Igreja Católica Apostólica Romana esteve sempre atuante: num caso, como cúmplice; noutro, como implacável verdugo, encobrindo, com o terror sanguinolento, uma mega rapinagem por toda a Europa.

Foram mais de 5 milhões de africanos desembarcados nas praias brasileiras, durante os anos de 1525 a 1851. Os navios negreiros, também conhecidos por "tumbeiros" ou "túmulos flutuantes", fizeram o nefando tráfico escravagista, numa cruel migração transatlântica. Em carta escrita em 1648, o Padre Antônio Vieira afirmava: "Sem negros não há Pernambuco e sem Angola não há negros."

Os escravos eram batizados no porto de origem, ao mesmo tempo em que era gravada uma cruz em cada lado do peito do infeliz, com um ferro em brasa. "Lançados aos porões dos navios, alguns morrem de sede e pestilência; alguns são atirados no mar como mercadorias deterioradas durante epidemias e o restante que sobrevive a tantas atrocidades satisfaz a cobiça de nossos mercados de escravos"[1]

[1] Annaes do Parlamento Brasileiro. Camara dos Senhores Deputados (doravante *Anais da Câmara*) 1827, III, 29.

Navios superlotados de seres indefesos, "magros, sombras cambalentes... as feições contraídas, seus grandes olhos parecendo que iriam soltar das órbitas a qualquer momento, e, pior que tudo, suas barrigas franzidas, formando um perfeito buraco, como se elas tivessem se desenvolvido no sentido das costas."[2]

As provisões para as viagens eram limitadas... a água, insuficiente; comestíveis, mais ainda. "Homens, mulheres e crianças eram deitados lado a lado, pernas amarradas, sua única vestimenta constituindo-se de um reduzido pedaço de pano sujo em torno dos quadris."[3]

Os escravos trabalhavam 15 ou 16 horas por dia, escreveu o senador Cristiano Ottoni nos anos de 1880. "Os proprietários dos escravos exigiam seu trabalho, serviço e obediência, totalmente amparados por uma complexa estrutura legal pelo costume oficializado pela doutrina da Igreja Católica.[4]

A punição aos escravos, para que se enquadrassem servilmente ao sórdido esquema social da época, era de "200 a 300 chicotadas com um chicote de couro de múltiplas correias. Tais chicotadas tiveram lugar nas prisões e plantagens até os últimos dias da escravidão brasileira."[5]

Pálida descrição do quadro histórico escravagista patrocinado pelo Reino português e pela religião católica nos tempos da colonização perversa. Os conquistadores repartiram entre si o valioso terreno em Capitanias Hereditárias e exportaram milhões de toneladas de ouro, pedras preciosas, madeira, café, açúcar, fumo etc. à custa do trabalho escravo. Hoje (1989), com ligeiras modificações, a situação é a mesma. Atualmente os herdeiros são as "respeitáveis famílias" latinfundiárias – que impedem, acintosamente, a *reforma agrária* e a Igreja, por sua vez, domina o 4º lugar do latinfúndio no país, além de inúmeras propriedades dentro das cidades, produto das atividades corsária e "colonizadora"; tudo isso, em nome da Cruz e da "democracia".



2 Nelson *Remarks*, p. 51
3 Robert Edgar Conrad, *Tumbeiros*, p. 25
4 Ibidem
5 José Honório Rodrigues, *A rebeldia negra e a abolição*, in História e Historiografia (Petrópolis, 1970), p. 67.



Veneráveis Protetores

Até o ano de 1900, aportaram no plano astral cerca de 8 milhões de almas africanas e seus descendentes. Foi daí que surgiu uma plêiade de negros, anciões em sua maioria, que idealizaram e comandaram um movimento de retorno ao plano físico através da mediunidade. Pretendiam demonstrar, prática e lucidamente, duas coisas: às autoridades da religião dominante que estas careciam de um elemento primacial, *religiosidade,* e à sociedade brasileira, como um todo, que era possível responder às atrocidades, sofridas por mais de três séculos, sem violência, desforra nem vingança.

São nato, da raça africana, entre outras virtudes, tolerância, alegria, musicalidade, meiguice, desejo de servir, além da sabedoria das idades sorvida biologicamente pela religião africanista.

No astral, outro fator veio aumentar seu entendimento, ou seja, a compreensão do comportamento mesquinho e bestial da humanidade encarnada.* Unidos a um milhar de indígenas e outras criaturas vítimas do sistema colonial, decidiram por uma proposta essencialmente humanista a que deram o nome de Umbanda. O segundo passo foi o envio inicial de uma dezena de almas, lideradas por um índio, que a si próprio deu o nome de *Caboclo das Sete Encruzilhadas,* para anunciar a fundação de uma nova religião. Isso aconteceu em novembro de 1908...

No mais, é só vê-los pessoalmente nos Terreiros, com sua proverbial paciência, humildade e segurança, dando orientação, conselhos, advertindo mansamente sobre os perigos, numa conversação que se torna coloquial com "os sinhô" e "sinhá", tudo isso num clima de harmonia, esperança e paz. Milhares de problemas são resolvidos: perseguições debeladas, reconciliações, "desmanchos de trabalhos", e, sem que muitos percebam, a lição maior ao cidadão componente da desenfreada sociedade de consumo: busque a si mesmo e descobrirá o causador dos problemas e da discórdia reinante.

---

* Dos milhões de africanos chegados ao plano astral, apenas 20% aproximadamente, se passaram para a Umbanda. Outros permaneceram na religião de origem, ou seguiram outras religiões.

PONTOS DE PRETOS-VELHOS

As almas do Cruzeiro
Sabem trabalhar
Bota dendê no fogo
Não deixa a lenha apagar (bis)

Eu já plantei café de meia,
Eu já plantei canaviá,
Café de meia não dá lucro, sinhá dona,
As Santas Almas podem dar.
Oi, deixa Umbanda melhorar,
Oi, deixa Umbanda melhorar,
Oi, deixa Umbanda melhorar,
Minhas Santas Almas,
Oi, deixa Umbanda melhorar.

Na Bahia tem,
Eu vou mandar buscar
Lampeão de vidro, sá dona,
Para clarear.

Eu andava perambulando
Sem ter nada prá comer,
Fui pedir às Santas Almas
Para virem me socorrer.
Foi as Almas quem me ajudou
Foi as Almas quem me ajudou (bis)
Meu Divino Espirito Santo,
Viva Deus, Nosso Senhor.

Oh Santas Almas
Do rosário de Maria (bis)
Ajude a esse fio
A caminhar pelos seus dias (bis)

Eu vi um clarão na mata
E pensava que era dia (bis)
Mas eram as Almas,
Mas eram as Almas, (bis)
Mas eram as Almas
Do rosário de Maria

As almas têm
As almas dá
As almas dá
Para quem sabe aproveitar.

Vovó não quer
Casca de côco no terreiro (bis)
Prá não lembrar
Do tempo do cativeiro (bis)

Bate tambor, lá na Angola,
Bate tambor (bis)
Pai Mané,
Bate tambor,
Pai José,
Bate tambor,
Pai Joaquim,
Bate tambor.
Bate tambor, lá na Angola,
Bate tambor.

Táva na estação, auê,
Quando o trem chegou, auê,
Cheio de baianas, auê,
De São Salvador, auê.

Pai Joaquim, ê ê,
Pai Joaquim, ê á,
Pai Joaquim vem lá d'Angola,
Pai Joaquim é de Angola, angolá.

Lá no Cruzeiro Divino,
Aonde as Almas vão rezar
As Almas choram de alegria,
Quando os filhos se combinam bis
Também choram de tristeza
Quando não quer combinar

Lá vem Cambinda,
Descendo a serra com sua sacola,
com seu patuá, com o seu rosário,
Ela vem de Angola
Eu quero ver, vovó,
Eu quero ver,
Eu quero ver se filho de pemba tem querer.

Segura touro, Cambinda,
Amarra no moirão,
O touro é brabo, Cambinda,
Amarra no moirão.
Abre as portas minha gente,
Que vem chegando o boi tatá,
Meus netinhos vão correndo,
Vovó Cambinda é devagar.

Tia Benedita é preta velha,
Não promete prá não faltar (bis)
Traz sempre da sua calunga,
A fôrça do seu patuá (bis)

Êle é carreiro,
Daquelas bandas de Minas
Seu gado puxando corda,
Na estação da Leopoldina,
Mineiro é, mineiro á,
Macumba bôa como a de Minas não há. (bis)

Quem trabalha na linha de Congo,
É Congo, é de Congo aruê,
Quem trabalha na linha de congo
Agora é que eu quero ver.

Vovó Luiza é preta velha
Trabalha prá quem tem fé
Quando chega na Umbanda
Ela vem lá da Guiné.
Guiné, Guiné, Guiné,
Ela vem lá da Guiné, (bis)
Guiné, Guiné, Guiné
Só trabalha prá quem tem fé.

Vovó Rosa chegou da Bahia,
Carregando o seu samburá,
Sete galhos de arruda
Sete rosas pr'rô gongá.

Quem não entende
Não é bom se alvoroçá (bis)
Quem não «guenta» com mandinga
Não carrega patuá,
Benedito vem na frente
P'ra zelá por seu gongá.

Da Angola veio um velho
Que caminha devagar (bis)
Ele é Pai Miguel de Angola
Quem vem na banda trabalhar (bis)

A minha urucáia
Tem mungunzá
A minha urucáia
Tem quibombô
Pai Tomé de Aruanda
É nosso salvador.

Pai Tomé veio da Bahia,
Trouxe flores no seu samburá
E galhinhos de arruda
Prá cruzar o seu gongá (bis)

DESPEDIDA DOS PRETOS-VELHOS

Adeus, adeus
Eles vão embora
Fiquem com Deus
E com nossa Senhora
Adeus, adeus,
Eles vão embora
Fiquem com Deus
e com Nossa Senhora

Pretos Velhos vão embora
Vão na fé de Oxalá
Quem firmar seu pensamento
Todo mal êles vão levar

Lá na Aruanda,
Onde canta a juriti
Pretos Velhos vão embora
Deixam seus «cavalos» aqui

AS SETE LÁGRIMAS DE UM PRETO VELHO

W. W. da Matta e Silva*

Num cantinho de um terreiro, sentado num banquinho, pitando o seu cachimbo, um triste preto-velho chorava. De seus "olhos" molhados, esquisitas lágrimas desciam-lhe pelas faces e não sei porquê, contei-as... Foram sete. Na incontida vontade de saber aproximei-me e o interroguei. — Fala, meu preto-velho, diz ao teu filho por que externas assim uma tão visível dor?
E ele, suavemente respondeu: Estás vendo esta multidão que entra e sai? As lágrimas contadas estão distribuídas a cada uma delas.



A primeira, eu dei a estes indiferentes que aqui vêm em busca de distração, para saírem ironizando aquilo que suas mentes ofuscadas não podem conceber...

A segunda a esses eternos duvidosos que acreditam, desacreditando, na expectativa de um milagre que os façam alcançar aquilo que seus próprios merecimentos negam.

A terceira distribuí aos maus, aqueles que somente procuram a UMBANDA, em busca de vingança, desejando sempre prejudicar a um seu semelhante.

A quarta, aos frios e calculistas que sabem que existe uma força espiritual e procuram beneficiar-se dela de qualquer forma e não conhecem a palavra gratidão.

A quinta, chega suave, tem o riso, o elogio da flor dos lábios mas se olharem bem o seu semblante, verão escrito: Creio na UMBANDA, nos teus caboclos e no teu Zâmbi, mas somente se vencerem o meu caso, ou me curarem disso ou daquilo.

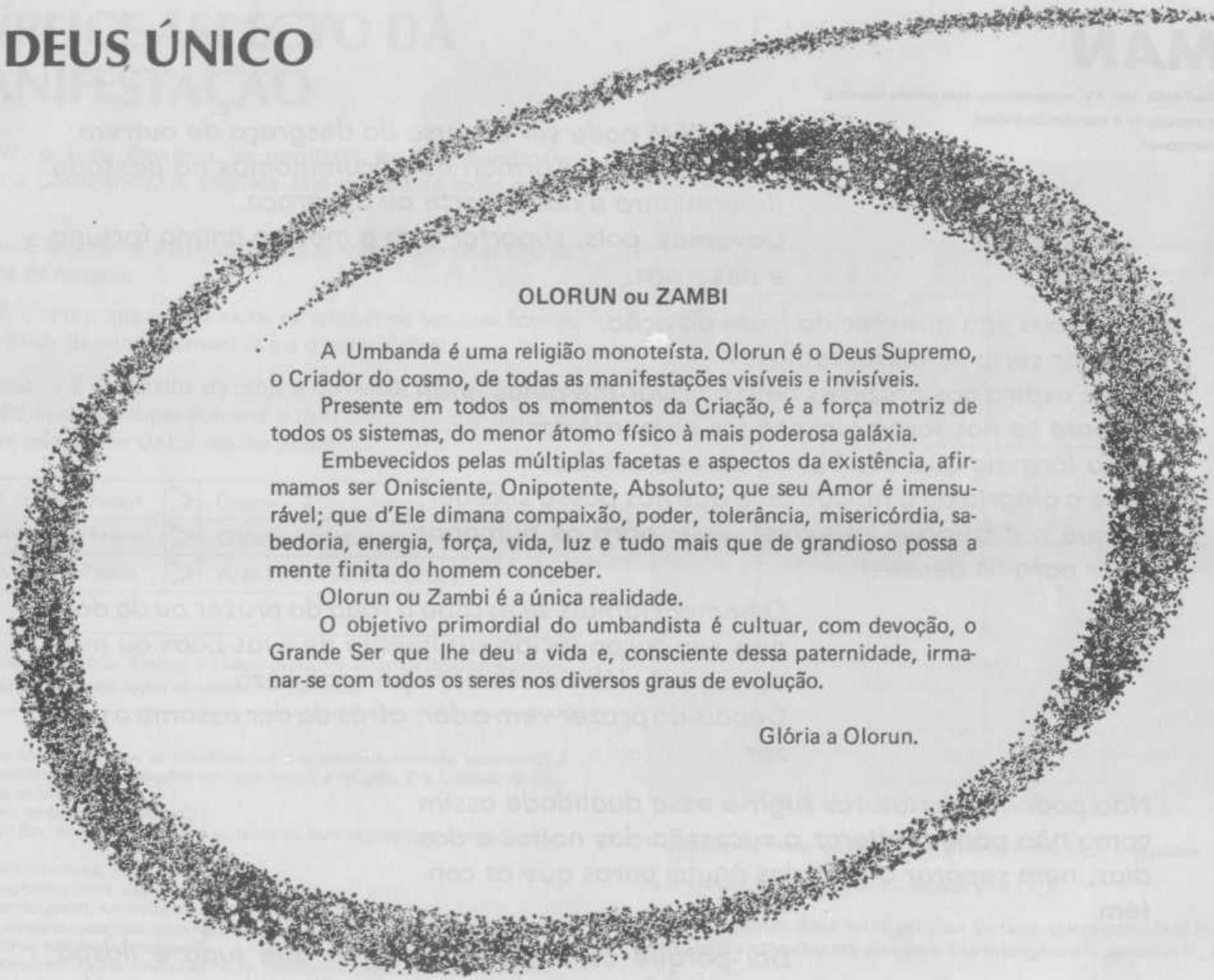
A sexta, eu dei aos fúteis que vão de Centro em Centro, não acreditando em nada, buscam aconchegos e conchavos e seus olhos revelam um interesse diferente.

A sétima, filho, notas como foi grande e como deslisou pesada? Foi a última lágrima, aquela que vive nos "Olhos" de todos os Orixás. Fiz doação dessas aos Médiuns vaidosos(as), que só aparecem no Centro em dia de festa e faltam às doutrinas. Esquecem, que existem tantos irmãos precisando de caridade e tantas criancinhas precisando de amparo material e espiritual. Assim, filho meu, foi para esses todos, que vistes cair, uma a uma.

---

* *Homenagem ao autor desencarnado em outubro de 1988.*

I - DEUS ÚNICO



OLORUN ou ZAMBI

A Umbanda é uma religião monoteísta. Olorun é o Deus Supremo, o Criador do cosmo, de todas as manifestações visíveis e invisíveis.

Presente em todos os momentos da Criação, é a força motriz de todos os sistemas, do menor átomo físico à mais poderosa galáxia.

Embevecidos pelas múltiplas facetas e aspectos da existência, afirmamos ser Onisciente, Onipotente, Absoluto; que seu Amor é imensurável; que d'Ele dimana compaixão, poder, tolerância, misericórdia, sabedoria, energia, força, vida, luz e tudo mais que de grandioso possa a mente finita do homem conceber.

Olorun ou Zambi é a única realidade.

O objetivo primordial do umbandista é cultuar, com devoção, o Grande Ser que lhe deu a vida e, consciente dessa paternidade, irmanar-se com todos os seres nos diversos graus de evolução.

Glória a Olorun.

KARMAN

(No ADYÂMA RAMÂYANA, séc. XV, encontramos esta pérola literária.
Meditemos na sua meridiana e translúcida beleza,
de simplicidade inimitável).

NINGUÉM pode ser a causa da desgraça de outrem.
Tão somente o Karman que acumulamos no passado determinará a nossa sorte ou desgraça...
Devemos, pois, suportar com o mesmo ânimo fortuna e desgraça.

Se ambas são o merecido fruto da ação.
Melhor seria se disséssemos:
"Não aspiro aos prazeres nem a privar-me deles, indiferente se nos torna alcançá-los ou perdê-los."
Eis a fórmula que nos liberta da escravidão.
Vã é a alegria ou a aflição pelo que nos possa suceder, já que o destino é inflexível, quer para os humanos quer para os deuses.

O homem jamais se escapa à roda do prazer ou da dor, pois seu corpo tecido sutilmente de suas boas ou más ações, e é débil e efêmero por natureza.
Depois do prazer vem a dor, atrás da dor assoma o prazer.

Não podem as criaturas fugir a essa dualidade assim como não podem alterar a sucessão das noites e dos dias, nem separar o limo das águas puras que os contém.

Daí porque os sábios cientes de que tudo é ilusão quedam-se impassíveis nem se afligindo nem se alegrando com o que lhes possa suceder:
Se tudo é obra do destino...

II - TRÍPLICE ASPECTO DA MANIFESTAÇÃO

OLORUN, o Deus Supremo, se manifesta sob três aspectos – Energia, Vida e Consciência. A trindade está na base de todas as religiões.*

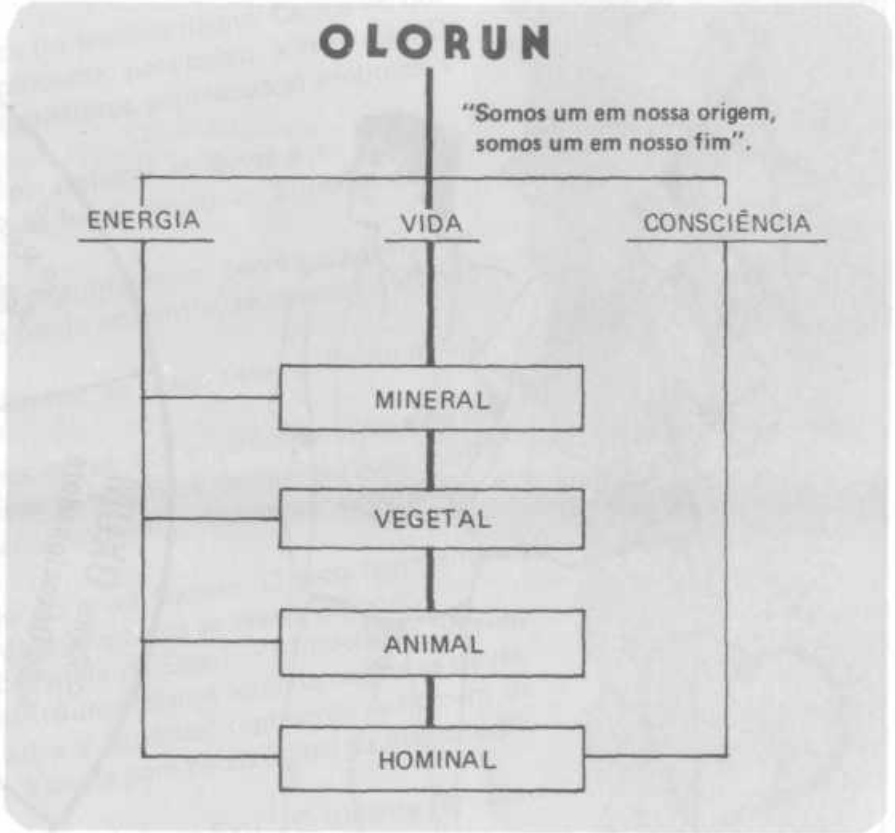
Energia – É o poder e a Atividade que se encontram no âmago de tudo que existe de material.

Vida – É o sopro que anima todos os seres vivos em suas formas transitórias – desde os reinos elementais até o reino animal.

Consciência – É a centelha da própria divindade que eleva o animal à condição humana, super-humana e mais além, até que todos os seres voltem ao seio do Ser Único, do Ser Supremo.

A Primeira Pessoa	>	Origem – Ação Criadora
A segunda Pessoa	>	O Verbo e a Sabedoria
A terceira Pessoa	>	Ação Criadora e Destruidora

"A Razão Eterna produziu Único; o Único produziu Dois; os Dois produziram os Três e os Três produziram todas as coisas." – Taoismo.

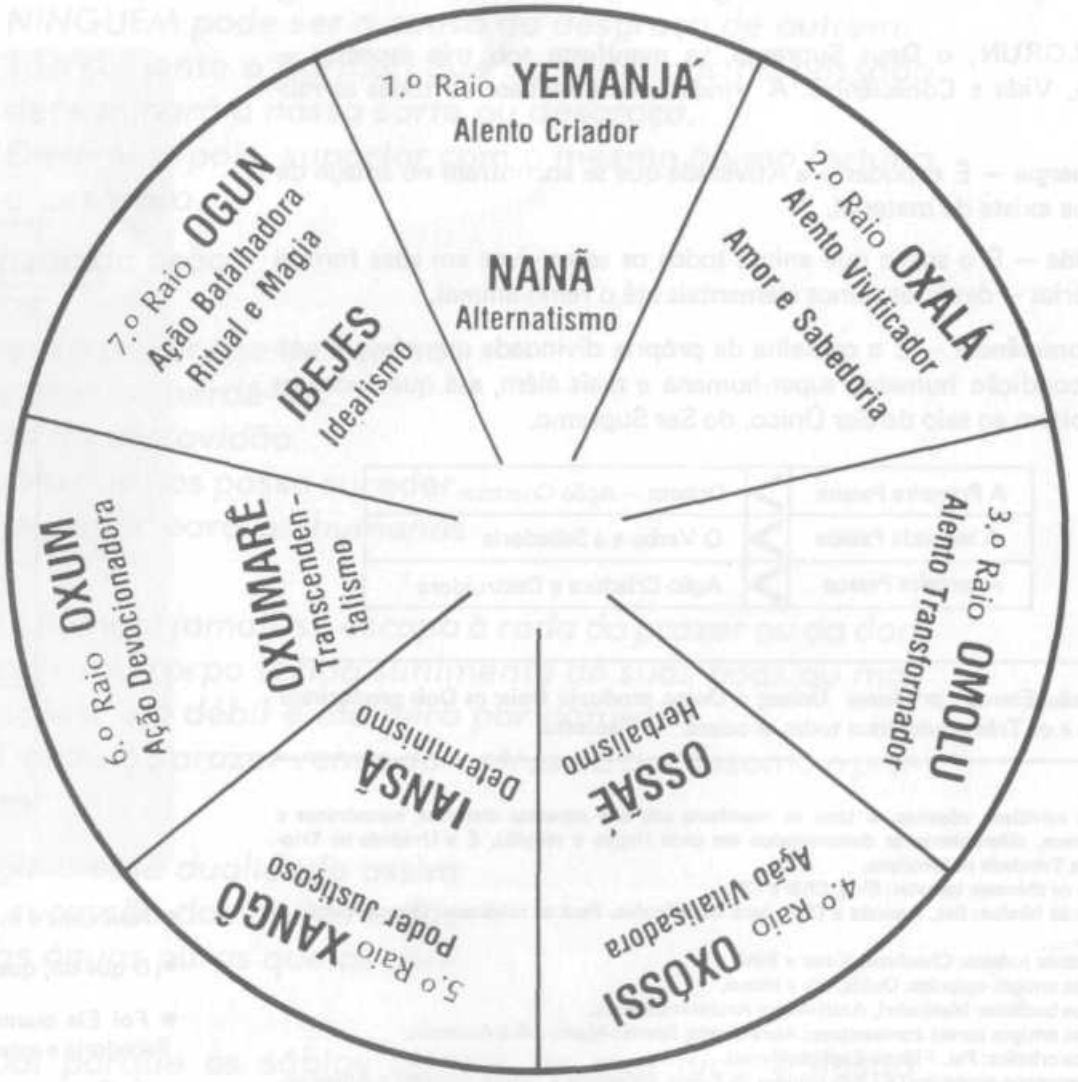


- Nenhuma é maior ou menor que a Outra – Credo de Anastácio.
- O que *foi*, que *é* e que *virá* – Apocalipise IV, 8.
- Foi Ele quem fez a terra por Sua Virtude, quem compôs o mundo com Sua Sabedoria e estendeu aos céus com Sua Inteligência – Jeremias II, 15.
- O Único se fez Dois e Dois, Três, nascendo, assim a TRINDADE. – Annie Bessant.
- A Trindade Energia, Vida e Consciência engloba fundamentalmente o Poder e a Vontade de OLORUM.

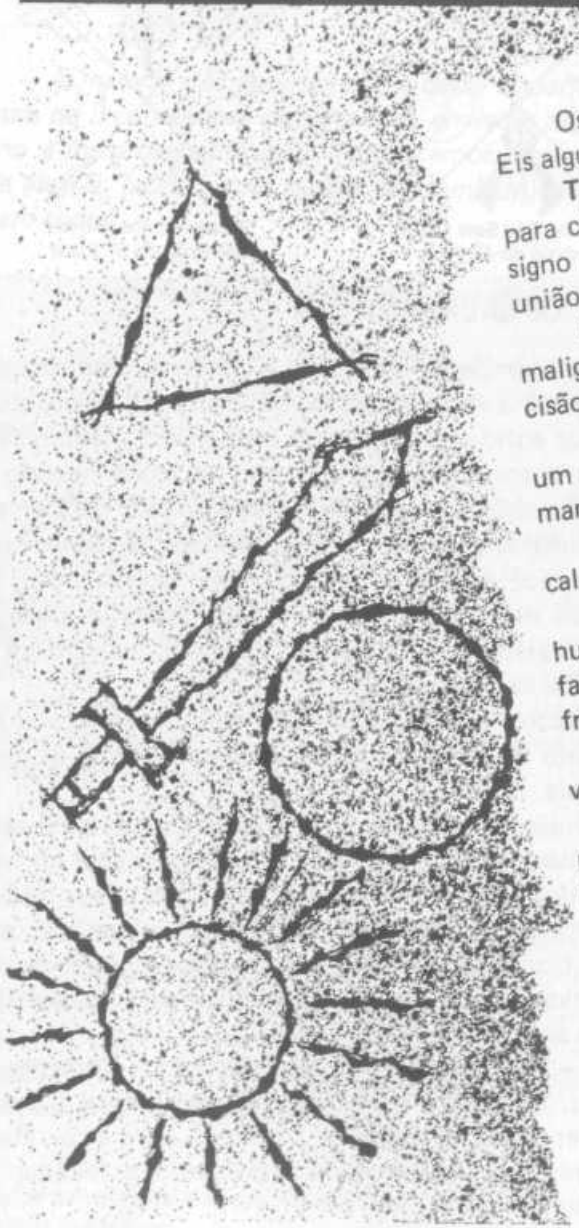
* Em sua atividade cósmica, o Uno se manifesta sob três aspectos distintos, harmônicos e simultâneos, diferentemente denominados em cada língua e religião. É a Unidade na Trindade, é a Trindade na Unidade.
– Entre os chineses taoístas: Sing, Chib e Chi.
– Entre os hindus: Sat, Ananda e Chit, para os filósofos. Para os religiosos: Brama, Vishnu e Shiva.
– Na Cabala judaica: Chochmá, Keter e Biná.
– Para os antigos egípcios: Osíris, Isis e Horus.
– Para os budistas: Manjushri, Amit-Aba e Avalokit-Eshvara.
– Para os antigos persas zoroastrinos: Aura-Masda, Spento-Mainyush e Aramaiti.
– Para os cristãos: Pai, Filho e Espírito Santo.
– Na Maçonaria simbólica: As três colunas de Força, Sabedoria e Beleza, também o Altíssimo, Grande Geômetra e Grande Arquiteto (ambos no Universo).
– Na Mesopotâmia: Anu, Ea e Bel. – E assim por diante.
– Na Teosofia: Primeiro, Segundo e Terceiro Logos.
Em termos metafísicos, encarnam a VONTADE, AMOR e a INTELIGÊNCIA cósmicos em perpétua e incessante atividade no infinito atemporal e desconhecido.

IV - SETE TENDÊNCIAS (Os Sete Raios)





VI - O PODER EXPRESSO DA DIVINDADE
Símbolos - Sacramentos - Pontos Riscados e Cantados



Os símbolos desempenham um papel preponderante na Umbanda. Eis alguns deles:

Triângulo — Imagem geométrica do ternário divino. Com o vértice para cima, representa o impulso ascendente; para baixo, a involução. O signo de Salomão (dois triângulos equiláteros entrelaçados) simboliza a união do espírito com a matéria.

Espada — A arma de Ogum para afastar as larvas e os espíritos malignos. Usada pelos *guias* contra as forças negativas. Símbolo de decisão e combate ao Mal.

Círculo — Área limitada pela circunferência. Serve para demarcar um campo de atividade. Com um ponto no centro, representa o Mundo manifestado.

Sol — O aspecto físico do Senhor do nosso sistema. Fonte de luz, calor, poder e vida.

Lua — Exerce influência nos mares, nos organismos vivos e no ser humano. No plenilúnio, presta-se a maléficos desígnios. Suas quatro fases simbolizam o conhecimento indireto, discursivo, progressivo e frio.

Arco e Flexa — Símbolo do orixá Oxosse. O arco representa a vontade e o poder e a flexa, a direção em que se exerce o poder.

Estrela de cinco pontas (Estrela de Davi) — Símbolo do homem perfeito. Na Umbanda, representa uma falange lutando contra as trevas. Com a ponta para cima é ativa e benéfica; representa o homem de braços e pernas abertos. Com a ponta para baixo é sinal de magia negra, é a inscrição do bode.

Tridente — Conhecido como "garfo de Exu". O tridente para cima significa *alerta*; para baixo, *demanda*.

Coração — Símbolo do amor, do entrelaçamento dos "filhos de fé" para a caridade. Símbolo universal, preside aos lídimos objetivos do umbandista que conhece o verdadeiro motivo da existência desse movimento "mágico-religioso".

Cruz —: Existem mais de 40 tipos. Na umbanda, usa-se apenas a cruz do cruzeiro, com três degraus na base. É o símbolo das almas empregado pelos pretos-velhos; a cruz de Oxalá e a cruz negra de Omolu.

SÍMBOLOS DOS SETE FOCOS – OS PONTOS RISCADOS

YEMANJÁ



Ponto do Exu Marabou
Símbolo do 1º Foco

OXALÁ



Ponto do Exu Sete Encruzilhadas
Símbolo do 2º Foco

OMOLU



Ponto do Exu Caveira
Símbolo do 3º Foco

OXOSSE



Ponto do Exu Sete Capas
Símbolo do 4º Foco

XANGÔ



Ponto do Exu Tiriri
Símbolo do 5º Foco

"Afirmo categoricamente que os milhares de 'pontos riscados' traçados nos Terreiros de Umbanda pelos médiuns, quando incorporados com exus e pomba-giras, são produtos de puro animismo ou cópias de mau gosto, sem nenhum fundamento esotérico, retirados levianamente de livros inconseqüentes, salvo se os mesmos apresentarem coincidência com os **Símbolos** descritos neste livro.

Existem apenas **SETE** emblemas, próprios de cada Foco ou Central.

Se os companheiros, estudiosos da prática religiosa, consultarem seus próprios exus dentro do maior rigor e passividade mediúnica ou praticarem o desdobramento do seu corpo astral, contactando-se com os elementos que constituem o chamado 'povo da rua', logo ratificarão esta verdade e de imediato deixarão por completo esta atitude mistificante, perniciosa e sonhadora, riscando tão somente o 'ponto' do seu exu relativo ao Foco a que pertence ou deixando simplesmente que o Exu quando imcorporado risque integralmente seu **sinete** dentro da simbologia demonstrada."[1]

OXUM



Ponto do Exu Veludo
Símbolo do 6º Foco

OGUN



Ponto do Exu Tranca Ruas
Símbolo do 7º Foco

1 Do Livro **MARIA MOLAMBO na SOMBRA e na LUZ** – Editora N. Livros Ltda. 4ª Edição.

OS SACRAMENTOS

Cinco são os Sacramentos na Umbanda – *Batismo, Confirmação, Matrimônio, Sacerdócio e Extrema-unção* – ministrados pelo Babalorixá, acompanhado por entidades protetoras, mas *nunca* mediunizado.

Batismo – Com o consentimento dos pais, o recém-nascido ingressa na Umbanda. Também os de maior idade podem receber este Sacramento cuja administração começa com a invocação do santo nome de Olorun no seu tríplice aspecto (Energia, Vida e Consciência), dos doze orixás e os guias do Terreiro. São os padrinhos que pedem a admissão da criança no grêmio da Umbanda. No ritual, o sacerdote usa sal (físico) água (astral) e azeite (mental).

Confirmação – Ocorre na maioridade quando o batismo foi ministrado na infância. Tanto no Batismo quanto na Confirmação os padrinhos são imprescindíveis.

Matrimônio – União do homem e da mulher sagrada pelo sacerdote sob a égide de Olorun . Na Umbanda, a solenidade só é efetuada com o consentimento dos noivos e em concordância com as leis do país.

Sacerdócio – Participando da Segunda Linha de Umbanda, o cargo exige conduta ilibada, firmeza de caráter e, sobretudo, pendores capazes de dignificar tal investidura. Para a proficiência ritualística do sacerdote são necessários quatro anos de preparo.

Extrema-unção – Ministrada pelo Sacerdote no momento da desencarnação (morte). Destina-se a: 1) favorecer, se possível, a recomposição da saúde do enfermo; 2) preparar a criatura para a partida do plano físico; 3) favorecer o desenlace do moribundo e facilitar sua entrada no plano astral.

APONTAMENTOS

A maioria dos apontamentos deste Caderno responde, em parte, a mais de uma centena de perguntas, enviadas por leitores no decorrer do ano e meio daspublicação. Agradecemos, nesta oportunidade, os votos de alegria, saúde e paz, desejando, também, muitas e muitas felicidades para todos.

"... e os cânticos de Umbanda prometidos em disco ou fita? ..."

Todos os cânticos publicados serão gravados em disco ou fita a partir de junho de 1990. Fiquem atentos. Nós também estamos ansiosos pela edição musical.

* * *

"Autoridade no Terreiro..."

A autoridade e a responsabilidade de um Templo de Umbanda cabem, exclusivamente, ao Babalorixá ou Ialorixá. Sua atitude e relacionamento para com todos, sem exceção, são a de um pai ou mãe sempre afável, sem preconceitos, preferências ou personalismo. Fala pouco, ouve bastante e procura estar sempre sintonizado com seus "guias". Dá exemplo de correção moral, cordura, mas é inabalável no serviço à causa e no cumprimento de seus afazeres que exerce com extrema devoção e humildade.

* * *

Depois do Babalorixá ou Ialorixá, vamos encontrar os Pais-pequenos ou Mães-pequenas. São devotos que cumpriram as 7 Obrigações do rito iniciatório e, por isso mesmo, são também babalorixás ou ialorixás, mas que, por motivos diversos, não "abriram". Casas e vão ficando no Templo de origem, ajudando o Sacerdote nas tarefas e até substituindo-o quando necessário.

Após os Pais-pequenos, dentro da hierarquia religiosa de Umbanda, vêm os Ogãs e, em seguida, os devotos pela ordem de Obrigações realizadas.

* * *

Como se processa a Iniciação na Umbanda e quais os cuidados...

Depois de freqüentar um Templo de Umbanda durante alguns meses, o assistente que ali chegou por vários motivos (saúde, decepções amorosas, prejuízos financeiros ou econômicos, conflitos domésticos, vítima de trabalhos de magia, desequilíbrio psíquico, ansiedades, desilusão da prédica doutrinária de outras religiões, depressão etc.) queda-se admirado ao notar o clima de companheirismo e atenção familiar, da proteção e segurança ensejada por desencarnados, a colaboração desinteressada de novos conhecidos e, acima de tudo, respeito pela pessoa humana, tão diferente, às vezes do clima do próprio lar ou do meio social em que vive, sem egoísmo e sem outras inferioridades tão comuns na vida de relação da chamada sociedade de consumo. Assim, torna-se devoto da nova Religião.

Sendo médium ou não, transfere-se do local denominado **assistência**, *onde presenciou inúmeras sessões, para o local central do Templo, conhecido por* **terreiro**. *Veste roupas brancas, aprende a entrar e sair do recinto, as saudações, os cânticos, a doutrina, as danças, o valor das oferendas e, fundamentalmente, a observação atenta de si mesmo no comportamento dentro do lar, no local de trabalho e na vida social. A par disso tudo, submete-se às* **obrigações**, *familiarizando-se com a rotina dos trabalhos do Templo de Umbanda.*

O devoto aspirante começa também a perceber o valor inestimável da natureza que o cerca: os rios, a mata, pedreiras, as aves, o mar, o sol, a lua, as estrelas, as ruas, as praças, os jardins... E vê também o semelhante sem discriminações nem preconceitos de raça, cor ou posição social. Tudo isso faz parte da Iniciação umbandista.

"Todas as religiões têm seu ritual, embora nem sempre tenha sido estabelecido por seus fundadores".

"O poder divino que está todo em nós não se oferece nem recusa; somos nós que o assimilamos ou rejeitamos". – G. Bruno

A MAGIA DAS VELAS



A vela se liga simbolicamente ao sobrenatural. Já na antigüidade aludia à iluminação, à sabedoria e ao conhecimento extra-sensorial.

Para uso ritualístico e até para uso comum, os melhores tipos de vela são de origem vegetal e de cera de abelha, capazes de alcançar as camadas superiores dos planos hiperfísicos.

A cera de abelha é produto animal, porém elaborada por inseto evoluído. A de carnaúba é retirada da carnaubeira.

As velas habitualmente encontradas e utilizadas são de estearina; só produzem efeito no plano físico. As de cera, pelo contrário, de cor amarelada, passam ao plano etérico e atingem o astral, amparadas, naturalmente, pelo maior ou menor grau de devoção e concentração do postulante.

As velas coloridas, encontradas no mercado, a nada se destinam, a não ser à decoração do ambiente.

Como usar as velas

Dos milhões de velas, diariamente acesas no mundo inteiro, 95% servem tão-somente para iluminação. Não são capazes de atuar sequer no plano etérico – menos ainda, nos seres do plano astral.

Quem quer que deseje usar, adequadamente, uma vela deve, primeiro, lavar bem as mãos com sabão neutro para retirar todas as impurezas. Em seguida, deve rolá-la entre as mãos por mais de cinco minutos enquanto mentaliza sua postulação, seja ela um pedido seja um agradecimento.

Acender velas é um ato invocatório; por isso precisamos proceder corretamente.

A rolagem da vela nas mãos visa impregná-la da nossa bioenergia para, com nossas vibrações emocionais e mentais, realizarmos o que pretendemos nos planos superiores.

"A Umbanda não é uma crença religiosa, mas uma prática religiosa de todos instantes, do criatura em si mesmo em relação com a sociedade e a natureza." – Omolubá.

Mostre-me alguns sintomas que se apresentam a uma pessoa obsidiada.

Relacionamos alguns mais fáceis de serem notados não só em pessoas obsidiadas mas também nas que estão a caminho de ficar:

– Mania de grandeza, tola ostentação, vaidade exagerada, inclusive falseando a verdade dos fatos.

– Fanatismo político, religioso, idéias fixas, provocações e discussões sem motivos justos.

– Estranha apatia, ociosidade, sentimentalismo exagerado, autocompaixão e vontade de chorar por coisa alguma ou insignificâncias.

– Falar ou gesticular sozinha, ter ansiedades e mania de perseguição.

– Dar-se ao vício da bebida ou do fumo descontroladamente.

– Calafrios inesperados, linguajar grosseiro e antipatias gratuitas.

– Mudar comportamento no meio social em que vive, tornando-se agressiva, importuna e inconveniente.

– Tornar-se maledicente, querer saber da vida de todos e não parar um só minuto para indagar-se de si mesmo.

Conforme o grau de obsessão, anula-se essa influência astral negativa através de "descarregos", banhos de ervas, material próprio absorvente, "mujingas", pontos de fogo, passes, "seguranças" etc., a par do auxílio da vítima numa imediata reformulação de comportamento.

* * *

É muito importante que os devotos que se dirigem ao Templo para o exercício ou trabalho mediúnico bebam suco de laranja, mamão, manga, abacaxi e outras frutas, a gosto de cada um. Outra providência sensata é o banho de ervas dos seus "orixás de cabeça", ao amanhecer. Também evitar comidas pesadas, bebidas estimulantes como o café. Evitar emoções, palavrões e bebidas alcoólicas. Evitar o fumo.

* * *

As guias (colares) oriundas das obrigações aos orixás, só devem ser usadas nos Templos ou nas romarias, nunca na vida diária, trata-se de um apetrecho sacro.

"OLORUN ou ZAMBI é o Grande Espírito que interpenetra a tudo e todos, os seres vivos ou mortos, dentro e fora do universo conhecido e desconhecido. Ele é o princípio, meio e fim." – Omolubá.

YEMANJÁ – FESTEJOS DE FIM DE ANO

A festa da noite de 31 de dezembro, à beira do mar, dos rios e lagos, em todo o Brasil, está relacionada com o culto a Yemanjá – a senhora das águas, a rainha do mar, a protetora dos navegantes e a Senhora da Criação, segundo os Cultos de Nação e da Umbanda.

São milhares de Terreiros de Umbanda que chegam às praias para homenagear Yemanjá com flores, frutos, champanha, barquinhos, espelhos, pentes brancos, moedas, fitas etc. É um momento de beleza e fé quando as multidões, no último minuto do ano, se prosternam com seus cânticos para agradecer, rogar proteção e fazer pedidos para o ano que se inicia.

Embora válidas essas manifestações espontâneas, que contagiam milhões de espectadores não-umbandistas, lamentamos a mistificação de certos Terreiros ao invocarem espíritos, nessa ocasião, e constrangê-los a dar passes e consultas para atender à curiosidade de muitos.



Além do mais, revelam aí os irmãos um flagrante desconhecimento de que, junto ao mar, são inócuos passes, descarregos, benzimentos etc. Não produzem efeito na contextura etéreo-astral. O que vale é a presença da pessoa no ambiente salino, independente de qualquer trabalho. Para as consultas, o lugar adequado é o Templo.

Continuemos, pois, a levar, com ardor e devoção, nossas oferendas, preces, cânticos, danças e até mesmo a manifestação dos Guias à deusa Yemanjá; mas, de forma alguma, não nos permitamos servir de alvo a motejos que depreciam nossa fé. E tal zombaria é justificada quando inúmeros fiéis incautos, afastados da doutrina e do bom senso, se prestam a meras representações teatrais de fim de ano com falsas e vaidosas exibições anímicas. Os pseudoguias não servem sequer para orientar o médium e adverti-lo de todo esse absurdo que, no mínimo, constitui desrespeito ao Orixá, com os conseqüentes efeitos negativos para o movimento da Umbanda no Brasil.

"São diferentes os cânticos e danças para cada orixá. O devoto não dança, ele próprio é a dança do orixá." – Omolubá.

"Não tenho parentescos com indígenas nem descendência africana, minha família vem do ramo austríaco, quando desencarnar gostaria de servir no plano astral como um "caboclo", como fica..."

Não fica. Você é um admirador da fauna e flora brasileira. Já esteve, inclusive, no Xingu. Freqüenta os Terreiros de Umbanda há mais de seis anos e fica "eletrizado", conforme diz na sua carta, com a "gira" de caboclos. Quando desencarnar, se essa vontade persistir até o último minuto de vida, por certo encontrará um agrupamento de caboclos, tomará um nome que lhe agrade e poderá prestar muitos serviços à causa umbandista. Entre Caboclos e Pretos-Velhos, embora raras, vamos encontrar almas de médicos, advogados, psicólogos... que dão às comunidades do plano astral de Umbanda seus serviços sacrificiais. Em troca, aprendem, pelo exemplo dos companheiros natos, sentimentos de fidelidade, tolerância, boa vontade, coragem, paciência e amor ao próximo.

* * *

A vida de um Zelador de Umbanda – Babalorixá ou Ialorixá – é de labor e sacrifício, para servir ao próximo e manter com todos um relacionamento fraterno, na condição de irmão ou irmã mais experimentado e mais esclarecido. Seu intenso trabalho religioso está no cotidiano, para o descobrimento da senda que desperta a graça dos orixás e, conseqüentemente, da Suprema Divindade.

* * *

A população astral da Umbanda, constituída de almas de Pretos-Velhos, Caboclos, Boiadeiros, Exus e demais criaturas afins, é de aproximadamente, um milhão e meio de trabalhadores, espalhados pelo país e trabalhando, através dos médiuns das 20.000 Tendas de Umbanda cadastradas por diversas Federações estaduais e municipais.

* * *

O devoto umbandista possui apenas dois "orixás de cabeça", embora seja interpenetrado, evidentemente, pelas dez energias restantes. A predominância dos dois orixás dispõe, naturalmente, uma vida calma, segura, íntegra e próspera. Cabe, no entanto, ao devoto buscar para si, consoante sua natureza hereditária e psicológica, uma renovação constante no comportamento, em sua relação com a corrente da vida em sociedade.

"Magia é a tentativa de alcançar um objetivo por meios sobrenaturais, isto é, através de meios não naturais."

A nossa mui amada religião de Umbanda é conduzida pelos "guias" mentores que habitam o plano astral da terra brasileira, temporariamente sediados na cidade de Aruanda onde vivem e trabalham na paz de Olorun.

Aos nossos Templos comparecem almas de criaturas que aqui viveram, no tempo do Brasil colônia, como parte da população escrava. E chegam também, esparsamente, novas almas trabalhadoras – descendentes de africanos, indígenas, caboclos, mulatos e outras que, no plano físico, foram exploradas e massacradas pelos senhores brancos.

De volta, agora, essas almas simples, de bons sentimentos, afins à religião de Umbanda, vêm, através de médiuns, dar uma resposta cristã aos algozes de ontem com perdão das ofensas e compreensão.

A primeira lição é dada aos próprios **médiuns.** *Ensinam, por exemplo, uma vida de correto relacionamento na sociedade, com afeto, lealdade e cooperação, respeito à vida animal e vegetal e, sobretudo, amor aos orixás, manifestações divinas do Inefável Ser: Olorun.*

* * *

Um exu, ou mesmo uma quiumba que trabalha corretamente e com responsabilidade, não vive a dizer nomes feios, quando em contato com os encarnados. Afinal, lugar de maluco (e, ainda por cima, desbocado) é no asilo e, não, entre pessoas que estão tratando de assuntos de interesse mútuo. Ao Zelador do Templo compete chamar a atenção do "aparelho" e do Exu ou quiumba malcriados.

* * *

"Como conhecer os meus orixás de cabeça?"

Somente de duas maneiras: ou pelo jogo de búzios ou através do Guia-chefe do Templo. Este último pedirá alguns dias para trazer a informação correta. Para saber através do jogo de búzios, o consulente deverá, uma semana antes, todos os dias, questionar-se sobre seus orixás; isso ajudará muito o jogador e seu informante astral.

"Não sejas traidor dos teus pensamentos. Sê sincero; atua de acordo com o que pensas e terás êxito. Ora de coração simples e sincero, e tua oração será ouvida." – Ramakrishna.

A Umbanda evolui através de ciclos, de 70 em 70 anos. O primeiro ciclo começa em 1908 e finda em 1978; é o chamado "período de propagação". Os umbandistas chegam a 20 milhões e contam-se 40.000 Tendas de Umbanda.

A partir de 1979, até o ano 2049, segue-se o "período de afirmação doutrinária". Passados dez anos, nota-se, nos dias atuais, um "enxugamento" populacional da comunidade umbandista, principalmente no que concerne ao número de Tendas que estimamos em, aproximadamente, 20.000 em todo o país. Os dirigentes começam a estudar efetivamente a religião de Umbanda e o nível teológico, mágico, mediúnico, ético e o comportamento ritualístico tendem a melhorar gradativamente.

O norte da comunidade de devotos é, claramente esboçado, o **conhecimento de si mesmo,** *numa atitude fraternal e respeitosa com os guias, sem transformá-los em simples joguetes de vontades mesquinhas e espúrias.*

Os próprios guias protetores trazem normas dos mentores da Aruanda no sentido de que o mais importante, doravante, não é solucionar somente problemas, mas, sobretudo, fazer com que seus tutelados descubram quem é o "criador de problemas"...

* * *

"Sou um jovem Babalorixá de 28 anos, fui convidado para ser padrinho de uma criança na Igreja Católica; que achas?"

Não acho! Se nós, sacerdotes de uma religião recém-fundada, não estivermos conscientes do nosso papel sacerdotal, que exemplo poderemos dar aos devotos que nos procuram? O casamento e o batismo são sacramentos que existem também na Umbanda, portanto só devemos essa deferência dentro do nosso culto. Nunca soube de nenhum pastor ou padre que fosse padrinho de uma criança na Umbanda.

Jovem Babalorixá, é preciso dignidade, antes de tudo, para exercer o papel de Zelador do culto de Umbanda.

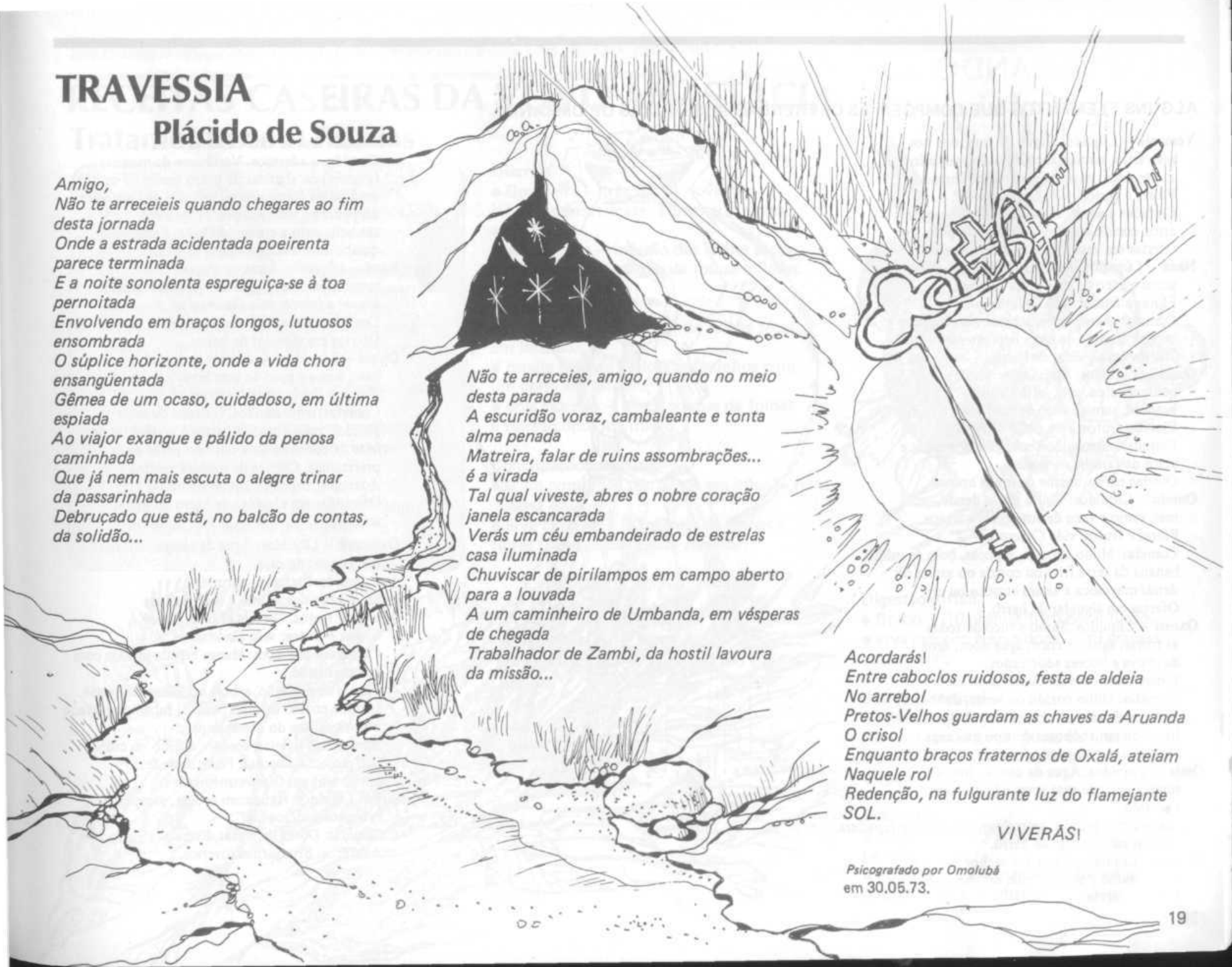
* * *

Quem estiver interessado em **iniciar-se** *dentro da religião de Umbanda deve escrever para: INICIAÇÃO – Caixa Postal 40.013 – Cep 20272 Rio de Janeiro, RJ.*

"Religião é um sistema solidário de crenças e práticas a coisas sagradas que unem em uma mesma comunidade moral todos os que a ela aderem." – A. B. de Hollanda.

TRAVESSIA

Plácido de Souza



Amigo,
Não te arreceieis quando chegares ao fim
desta jornada
Onde a estrada acidentada poeirenta
parece terminada
E a noite sonolenta espreguiça-se à toa
pernoitada
Envolvendo em braços longos, lutuosos
ensombrada
O súplice horizonte, onde a vida chora
ensangüentada
Gêmea de um ocaso, cuidadoso, em última
espiada
Ao viajor exangue e pálido da penosa
caminhada
Que já nem mais escuta o alegre trinar
da passarinhada
Debruçado que está, no balcão de contas,
da solidão...

Não te arreceies, amigo, quando no meio
desta parada
A escuridão voraz, cambaleante e tonta
alma penada
Matreira, falar de ruins assombrações...
é a virada
Tal qual viveste, abres o nobre coração
janela escancarada
Verás um céu embandeirado de estrelas
casa iluminada
Chuviscar de pirilampos em campo aberto
para a louvada
A um caminheiro de Umbanda, em vésperas
de chegada
Trabalhador de Zambi, da hostil lavoura
da missão...

Acordarás!
Entre caboclos ruidosos, festa de aldeia
No arrebol
Pretos-Velhos guardam as chaves da Aruanda
O crisol
Enquanto braços fraternos de Oxalá, ateiam
Naquele rol
Redenção, na fulgurante luz do flamejante
SOL.

VIVERÁS!

Psicografado por Omolubá
em 30.05.73.

ALGUNS ELEMENTOS QUE COMPÕEM AS OFERENDAS AOS ORIXÁS DE UMBANDA

Yemanjá – Líquidos: Água do mar, dos rios, mel, leite, sumo e suco de suas ervas e frutos, azeite doce, champanha e vinhos brancos.
Flores e frutos: vide *Caderno nº 2.*
Comidas e adereços: milho branco, manjar, arroz cozido sem sal, artefatos de prata etc.
Ofertas em vasilhames de louça branca.

Nanã – Líquidos: Água da chuva, mel, dendê, sumo e suco de suas ervas e frutos.
Flores e frutos: vide *Caderno nº 2*
Comidas: Arroz doce, inhame cozido, frito ou cru. Banana da terra frita em mel e dendê.
Ofertas em alguidar de barro.

Oxalá – Líquidos: Águas minerais de qualquer tipo, mel, leite e vinhos brancos, sumo e suco de suas ervas e frutos.
Flores e frutos: vide *Caderno nº 2.*
Comidas: Arroz doce, mungunzá, manjar e bolos de farinha de trigo.
Ofertas em vasilhame de louça branca.

Omolu – Líquidos: Vinho tinto, dendê, mel, sumo e suco de suas ervas e frutos.
Flores e frutos: vide *Caderno nº 2.*
Comidas: Milho torrado, pipocas, bolo de milho, banana da terra frita ou cozida no azeite de dendê mandioca e aipim cozidos ou cru.
Ofertas em alguidar de barro.

Oxossi – Líquidos: Sumo e suco de todas as frutas, água de coco, água doce, água da chuva e licores adocicados.
Flores e frutos: vide *Caderno nº 2.*
Comidas: Milho cozido ou verde, abóboras, pedaços de coco etc. servidos em alguidar de barro ou em abóboras do tipo moranga.
(Não se usa mel para o Orixá).

Ossãe – Líquidos: Água da chuva, dos rios, sumo e suco de suas ervas e frutos sem excessão.
Aceita fumo picado, amendoim sem casca e rapadura.
Ofertas em alguidar de barro.

Xangô – Líquidos: Água das cachoeiras, mel, dendê, sumo e suco de suas ervas e frutos e cerveja preta.
Flores e frutos: vide *Caderno nº 3.*
Comidas e adereços: Vasilhame de madeira (gamela) ou alguidar de barro tendo no centro uma pedra meteorito ou retirada da cachoeira ou pedreira, rodeada por 21 quiabos, simbolizando a coroa do Orixá. Farofa de quiabo com dendê e muita cebola.



Iansã – Líquidos: Água da chuva, sumo e suco de suas ervas e frutos e dendê.
Flores e frutos: vide *Caderno nº 3.*
Comidas: acarajés, bolinhos de fubá etc.
Ofertas em alguidar de barro.

Oxum – Líquidos: Águas dos rios, mel, leite, sumo e suco de suas ervas e frutos.
Flores e frutos: vide *Caderno nº 3.*
Comidas: ovos cozidos, fatiados ou semi cozidos, milho branco passado no mel ou no leite de coco. Banana ouro ou prata de preferência. Canjica de milho e pudim.
Adereços: Espelhos e jóias de ouro.
Oferendas em alguidar de barro ou metal amarelo.

Oxumarê – Líquidos: Água da chuva, dos rios ou do mar.
Adereços: Perfumes naturais

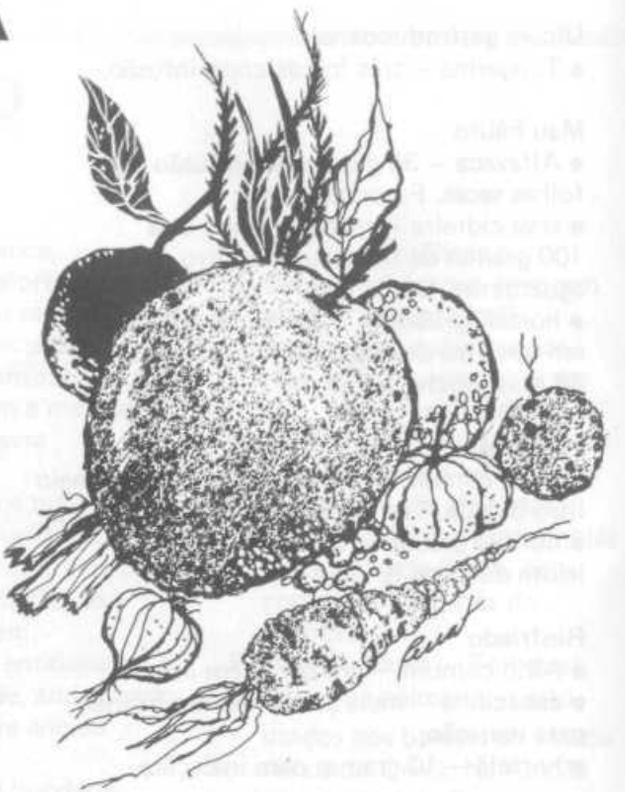
Ogun – Líquidos: Sumo e suco de suas ervas e frutos. Cerveja branca, dendê.
Flores e frutos: vide *Caderno nº 3.*
Comidas e adereços: Manga espada fatiada com mel ou dendê.
Farofa de camarão, sebola no azeite de dendê.
Inhame cozido e milho branco. Inhame espetado por 42 palitos do dendezeiro.
Inhame em rodelas, socado, cozido ou crú.
Sal, pimenta da costa. Pedaços de ferro envolvidos em fitas vermelhas etc.

Ibejes: Líquidos: Água com açúcar, garapas, refrescos adocicados.
Comidas: Doces de frutas diversas. Caruru.
Adereços: Brinquedos diversos.

RECEITAS CASEIRAS DA VOVÓ ANASTÁCIA

Tratamento com Plantas

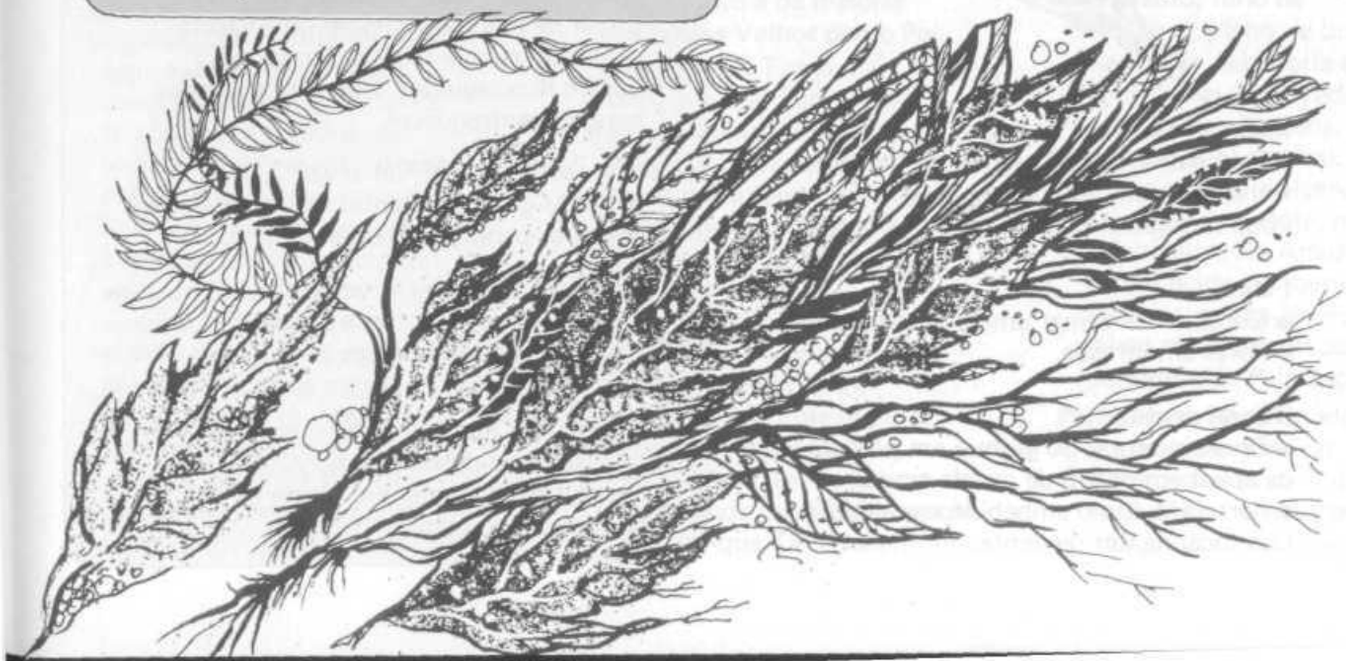
Diversas são as maneiras de se preparar uma bebida medicinal, as mais comuns são a *infusão* e o *chá*.
A *infusão* é a preparação mais simples e leve, usada em plantas que podem perder suas propriedades por um cozimento prolongado. As flores, folhas ou raízes bem picadas devem ser cobertas com água fervente em uma panela bem tampada por quinze minutos.
Algumas vezes a infusão pode ser misturada ao álcool ou ao vinagre. As infusões são usadas conforme o caso, em bochechos, gargarejos e aplicações locais em forma de compressas.
O *chá* é uma infusão que pode ser servida com uma ou duas fatias de laranja, limão, alguns cravos ou um pedaço de canela a gosto.



Diarréia
- Goiabeira – três folhas novas em infusão numa xícara. Tomar três vezes ao dia;
- pitangueira – infusão das folhas secas;
- manjerona – infusão de folhas e flores.

Náuseas e vômitos
- Alfavaca – uma colher de folhas secas em infusão;
- canela em pau – dois pedacinhos para um copo em infusão;
- erva cidreira – cinco gramas de folhas e flores/copo de infusão;

Constipação Intestinal
- Alho comum – um dente em infusão num copo d'água;
- erva cidreira – 20 gramas de folhas e flores (acima disso causa vômito);



Digestão difícil
- Boldo – 10 gramas/litro em infusão;
- erva cidreira e erva doce – 30 gramas em infusão;

Cólica Intestinal
- Alfavaca – 5 gramas de folhas frescas. Acrescentar algumas gotas de limão;
- hortelã – 5 gramas para meio litro d'água;

Estomatite
- Alfavaca – 5 gramas de folhas em infusão para bochecho;
- eucalipto – 20 gramas de folhas em decocção para bochecho;

Úlcera gastroduodenal
• Tangerina – três folhas/copo infusão.

Mau hálito
• Alfavaca – 30 gramas em infusão com folhas secas. Fazer gargarejo;
• erva cidreira – macerar cinco dias 100 gramas de flores em um litro de aguardente. Gargarejo;
• hortelã graúda – macerar 30 gramas em um litro de vinho branco durante 18 dias. Bochechar.

Parasitose
• Alho comum – ferver dois dentes em meio litro d'água. Tomar durante 7 dias;
• hortelã graúda – suco das folhas em jejum durante 15 dias;

Resfriado
• Alho comum – um dente em infusão;
• cabacinha – meia cabacinha em infusão para inalação;
• hortelã – 10 gramas para inalação;

Asma
• Eucalipto – infusão das folhas;
• manjerona – 5 gramas em infusão;

Anemia
• Batata contra erva – cozimento da raiz;
• erva cidreira – 20 gramas de folhas e flores para um litro d'água;

Infecção Urinária
• Abacate – 2 a 3 folhas em decocção;
• eucalipto – infusão das folhas.

Calos
• Alho comum – um dente esmagado em óleo de oliva. Abafar.



Insônia e tensão
• Erva cidreira – 50 gramas de folhas e flores secas em 300 gramas d'água. Pode-se associar com hortelã e camomila.

Febre
• Eucalipto – tomar uma xícara de folhas e flores em infusão.

Dor de dente
• Erva cidreira – 30 gramas em pó com 8 de cravo em pó e 8 de canela em pó;
• hortelã: o sumo embebido em algodão. Uso local na dor de dente.

• O *limão* tira gases do intestino e do estômago. Também serve para baixar a pressão. Um copo de limonada por dia faz bem a qualquer um.

• Para prevenir a gripe o *alho* é um grande remédio. Prepare-se um cálice com água e dois dentes feridos de alho e tomar um trago à noite, é um preventivo contra as gripes.

• Para refrescar o estômago e servir como fortificante nada como o *mamão.*

• O *maracujá* tanto o grande como o pequeno é bom para fazer xarope contra a bronquite. Refresco de maracujá é especial como calmante.

• Nos casos de anemia profunda basta misturar caldo de *fígado de boi* com caldo de *laranja lima.* Um copo de manhã e outro a noite e adeus anemia.

• Para acabar com amebas e vermes é tomar de manhã em jejum uma xícara d'água de *cebola* picada. Tomar por quatro dias seguidos. Não tomar demais para não enfraquecer.

• Suco de *abacaxi* tomar por 3 dias seguidos grandes quantidades serve para dissolver pequenas pedras nos rins.

• *Gervão-roxo* em forma de chá, indicado para hepatites e congestões do fígado. Pode também ser servido em forma de suco.

• *Carqueja*, muito eficaz no combate de distúrbios digestivos, nervosos e circulatórios. Tomar em forma de chá; serve também como vitalizante.

GLOSSÁRIO

P

Padê — Ritual privativo do Candomblé. Trata-se de uma oferenda feita para Exu, cuja finalidade é pedir proteção para o cerimonial que vai ser realizado. Considera-se Exu como elemento de comunicação entre os homens e os orixás. O ritual mais simples consta do seguinte: invocação a Exu através de cânticos e danças ao redor de um alguidar com farofa de dendê, água e uma vela de cera acesa ao lado que, logo após os cânticos e pedidos, são levados para fora do barracão. A água é derramada sobre a terra em homenagem aos ancestrais míticos. Com a volta do Sacerdote ou do seu auxiliar imediato após a missão cumprida, ouvem-se novos cânticos de alegria pela aceitação da oferenda. Na madrugada desse dia já deve ter havido o sacrifício de animais, para o Exu da Casa, juntamente com os exés, farofas de dendê, água e aguardente. Na Umbanda não se pratica esse rito.

Padrinho — Tanto pode ser o Pai-de-santo de candomblés da tradição angolano-cabocla, em Salvador, como, na Umbanda, um acompanhante escolhido pelo Iniciando, na "deitada" de três dias da 6ª Obrigação Sacerdotal. Sendo mulher, é a "madrinha".

Pai — Designativo do Ser Supremo: Olorun ou Zâmbi. Designativo também dos orixás masculinos, do Pai-de-santo e da maioria dos Pretos-Velhos como Pai Joaquim, Pai Tomé, Pai Ambrósio, Pai Fabrício etc.

Pai-de-cabeça — Trata-se do orixá masculino do devoto. Sendo orixá feminino, diz-se Mãe-de-cabeça. Na Umbanda só há dois orixás principais e diretamente responsáveis pela regência da natureza humana de cada filho.

Pai-de-santo — Forma popular de designar o chefe masculino de um Terreiro de Umbanda ou de Candomblé. O mesmo que Tata, sacerdote, zelador, cabeça-branca, cabeça-maior, babalorixá etc. A mulher, com as mesmas funções, recebe o nome de Mãe-de-santo. A palavra santo tem a mesma significação da palavra orixá.

Pai Joaquim — Um dos mais conhecidos pretos-velhos da Umbanda. Foi ele, com outros, que fundou essa religião no plano astral. Existem milhares de outras entidades com o mesmo nome, endossando as virtudes do nobre ancião brasileiro, filho de africanos, pleno de bondade, honradez, sabedoria e, sobretudo, conhecedor da magia e dos homens.

Pajé — Do tupi-guarani. Entre nossos indígenas, um misto de sacerdote, médico e feiticeiro. Na Amazônia, é conhecido por benzedor, curandeiro etc. Nome que se dá ao chefe de um culto denominado Pajelança.

Pajelança — Segundo alguns autores, são práticas deturpadas do catimbó e do toré. Mistura de rituais indígenas com influências espíritas, católicas e também africanas. Invocam almas, "encantados", espíritos da natureza dos rios, lagos, matas, cavernas etc., com a finalidade de curar. Outros autores acham que a Pajelança influiu, unida a rituais africanos, na formação dos candomblés de caboclo da Bahia, bem como nos catimbós do nordeste.

Palmas de Oxalá — Folhas e ramos de palmeira, muito usados nos banhos de amacis filhos do Orixá. Na função ornamental do Templo, simboliza vitória, triunfo, paz e prosperidade.

Parati — Nome da cachaça fabricada em Parati, Est. do Rio. Genericamente, o nome de qualquer cachaça. Bebida predileta de Exu, não sendo necessário que o médium beba; basta que deposite perto de si um coité, copo, taça ou alguidar com a aguardente que o Exu beberá através das emanações.

Patuá — Espécie de amuleto que consiste em um saquinho de pano ou couro

que se leva no bolso, carteira, pendurado no pescoço ou preso e escondido na roupa. Tem a forma de um quadrilátero com cerca de 2 a 4 cm e, dentro, podem-se encontrar raízes, sementes, orações, pó de pemba, símbolos riscados etc. É preparado ritualisticamente e imantado. Encerra variável tempo de influência.

Pavenâ – Um dos títulos dados a Exu no candomblé de Angola, indicando que o mesmo é capaz de perseguir, açoitar, castigar e matar.

Pé-de-dança – Estilo de dança para cada orixá, Caboclo, Preto-Velho, Boiadeiro etc., em que o devoto se esmera em gestos rítimicos com a música dos atabaques. Elemento dinâmico imprescindível da magia mimética, atuante nos Terreiros de Umbanda e Candomblé.

Pedra-de-raio – Meteorito, fragmentos oriundos dos espaços interplanetários que caem na superfície dos planetas. Otá, pedra-fetiche dos orixás Xangô e Yansã. Usada também na confecção de certos amuletos.

Peji – Altar, congá, gongá etc., local onde ficam as imagens, otás, lamparina de azeite e demais objetos próprios ao local de devoção. É comum usar-se a parte de baixo para guardar quartinhas, potes, moringas com águas do mar, da chuva, dos rios e lagos, além de outros aviamentos próprios ao culto.

Pemba – Giz grosso, cônico de 8 cm de comprimento. Um dos símbolos de autoridade do Babalorixá ou Ialorixá. Usa-se geralmente o branco. Os exus carregam a pemba vermelha ou preta para seus "trabalhos" de magia. Ao traçar linhas, símbolos, demarcações etc., o traçado se estampa também no plano etérico. A pemba verdadeira é composta de elementos minerais.

Piau-piau – Nome dado pelos exus ao frango preto, utilizado para "descarregos" (mujinga).

Pipocas – Tipo de milho que, levado ao fogo com gordura ou areia, rebenta na panela, aumentando de volume e semelhando uma flor branca. São chamadas de "flores de Omolu" ou "flores do Velho". Além de serem dedicadas ao Orixá da Transformação, são também servidas a Exu. Recebem também o nome de doburu ou duburu. Para uso doméstico e nas festas, podem ser misturadas com mel, manteiga, azeite doce etc., com ou sem sal.

Plantas, raízes, favas, frutos, óleos e sumos – Elementos usados fartamente nos cultos afro-brasileiros, nos banhos, amacis, descarregos, defumações, chás, xaropes, ungüentos, licores etc., sem contar com o uso de certas palmas, folhas, galhos, frutos para fins ornamentais do Terreiro.

Plantação – Na Umbanda, não há o "assentamento" para Exu e, sim, a "plantação", ou seja, a diversificação de elementos vitais do plano físico-etéreo, para que possam desempenhar suas funções dentro da magia e do plano astral.

Pomba-gira – Na Umbanda, exu feminino que alcança até a 1ª categoria da escala hierárquica. A mais antiga e famosa pomba-gira tem o nome de Maria Padilha, feminista atuante do século passado, colaboradora eficiente da Organização dos Sete Focos. As pombas-giras, são mulheres liberais, sem preconceitos, sempre abertas ao diálogo, interessadas nos "casos de amor" e, enfim, em tudo aquilo que lhes foi negado quando encarnadas.

Ponto cantado – Oração em forma de cântico. Letra e melodia próprias a cada Orixá ou alma trabalhadora da Umbanda. Existem mais de quatrocentos pontos-cantados que falam de perto das emoções, da natureza e das circunstâncias vivenciais de toda gente – sem contar com os pontos do cerimonial, saudações e louvações.

Pombo – Nome comum a numerosas aves da família dos Columbídeos. De cor branca, é usado na Umbanda, no ritual da 4ª Obrigação (Oxalá) iniciática, sem o sacrifício da ave. Quando traz um ramo de oliveira no bico, é o símbolo da paz.

Ponto de abertura – Cânticos dirigidos a Oxalá, orixá da Paz e da Sabedoria, para a abertura da sessão e dos trabalhos que vão ser realizados. Esses cânticos são feitos logo após os pontos de defumação e saudação a Exu.

Ponto de chamada – Cânticos diversos, de invocação, destinados às almas trabalhadoras para "descerem" ao plano físico e se postarem atentas para os "trabalhos" de limpeza, cura, e desobsseção, esclarecimento e orientação aos devotos.

Ponto de subida – Na vida profana, é muito comum ouvir-se a expressão "vou cantar para subir", quando alguém, jovialmente, deseja avisar que pretende retirar-se do recinto, da reunião de amigos. Na Umbanda, são cânticos que têm a finalidade de avisar que é chegada a hora das despedidas e, conseqüentemente, da

"subida" das entidades, após seus trabalhos sacrificiais.

Ponto de saudação – Cânticos destinados aos médiuns para saudar o peji, o sacerdote, os ogãs, os irmãos do terreiro e o público presente. Existem pontos-cantados próprios para o sacerdote fazer a sua saudação individual.

Ponto riscado – Desenho formado por sinais e símbolos próprios da falange das entidades. São desenhos riscados com a pemba. Esses riscos definem o agrupamento, a motivação e o conceito idealístico a ser atingido. Existem pontos especiais de demanda, de defesa, de segurança, de partida, de delimitação físico-etérea para execução de trabalhos de magia.

Ponto de abertura chave – É o ponto-chave que dá início aos trabalhos entre as criaturas devotas do plano físico e astral. Está inserido num cântico a Oxalá:

"Oxalá, meu Pai,
Tem pena de nós, tem dó...
A volta do mundo é grande,
Teu poder inda é maior...
Pai Oxalá, que é o Rei do Mundo,
Pai Oxalá, que é o Rei desse lugar,
Abre as portas do meu Terreiro,
Abre as portas do meu Congá.

Ponto de encerramento – Cânticos finais, agradecendo a presença, a proteção e a ajuda dispensada pelas entidades astrais no terreiro de Umbanda. Desfaz-se aí a corrente vibratória que enlaça os médiuns, ao mesmo tempo que soa o ponto-chave de encerramento no cântico a Oxalá:

Pai Oxalá, que é o Rei do Mundo,
Pai Oxalá, que é o Rei desse lugar,
Fecha as portas do meu Terreiro,
Fecha as portas do meu Congá.

Ponto de segurança – O ponto de segurança é riscado pela entidade astral, Chefe do Terreiro, que preside os trabalhos. Na sua falta, por motivo de força maior, o ponto de segurança é traçado por outra entidade da hierarquia, encarregada da substituição. O ponto de segurança é, na verdade, o mesmo ponto-riscado da própria entidade, símbolo do seu agrupamento ou falange.

Ponto de fogo – Trabalho de "descarrego" executado por Exu com o elemento fogo através da pólvora (tuia). Pode ser uma operação individual ou até com 7 pessoas dentro de um círculo, circunferenciado pelo risco de uma pemba preta ou vermelha (ou ambas) e, sobre o risco, uma trilha de pólvora misturada a outros elementos tais como enxofre, cânfora etc., que destruirá larvas, nódoas e sujeiras astrais, aderentes ao corpo etéreo do padecente necessitado da "limpeza".

Porteira – Cancela; portão de entrada de propriedade rural; entrada principal de um templo de Umbanda. Ponto fixo onde fica um Exu (exu da porteira) para a guarda da Casa, observando quem passa e, na medida do possível, coletando pensamentos de quem entra ou sai. Nota-se, perto da porta principal, uma casinhola de tijolos com menos de 1 metro de altura que abriga um coité com aguardente, vela preta e vermelha acesa, tridente etc. Os devotos cumprimentam, com certa intimidade, o "compadre da porteira" em sinal de respeito e agradecimento pela vigilância atenta do Templo.

Povo da encruza – Denominação dada aos exus. Corruptela de encruzilhada, local onde os "compadres" e "comadres" quase sempre comparecem à meia noite e onde vão contratar serviços, fazer pagamentos, recebimentos, planejar trabalhos etc.; são também chamados "povo da rua".

Povo do cemitério – Exus pertencentes ao 3º Foco da Organização e cujo chefe ostenta o título de Caveira, líder de milhares de trabalhadores que operam nos cemitérios, capelas, institutos médico-legais e dependências outras relacionadas com o de sencarne de humanos e até de animais, dizimados em massa nos matadouros.

Pretos-Velhos – Denominação dada, na Umbanda, aos africanos, seus decendentes e criaturas afins que se dedicam ao trabalho meritoso de assistência física, emocional e mental aos devotos sinceros da religião. Assembléia de anciões que existiu há milênios no continente africano, oriundos da Lemúria, e que traz importantes ensinamentos, através da sabedoria das idades, tais como a necessidade do comportamento correto, honesto e dedicado entre os componentes da comunidade, no sentido de sua própria preservação, e o reconhecimento de um ser Supremo. Daí advém uma atitude fraterna e verdadeiramente comunitária. Os pretos-velhos, na Umbanda, emprestam ao ambiente do Templo um clima de respeito, segurança e fé, repelindo, pelo próprio exemplo de bondade e compreensão, as tolas vaidades dos encarnados. Estão sempre prontos para

servir. Sua mensagem de esperança é calcada na atividade prática do presente, com trabalho e boa vontade para com todos.

Preceito – Trabalho mágico e ritualístico para ser cumprido pelo devoto. Regra de proceder, norma, ordem, ensinamento.

Preparado – Diz-se de médium que detém conhecimentos sobre a mediunidade, inclusive sobre a atuação em si mesmo. Devoto que chegou até a 4ª Obrigação iniciática na Umbanda. Objeto magiado e pronto para ser usado.

Presidente – Pessoa que preside e dirige os trabalhos deliberativos de uma sociedade. A maioria dos Templos de Umbanda são unidades associativas com uma diretoria constituída, sob a direção de um presidente escolhido em assembléia pelos associados. O presidente atua, coordena e fiscaliza os trabalhos da área social. Ao Sacerdote cabe a direção religiosa, mas sempre em harmonia com os trabalhos administrativos.

Protetores – Entidades astrais vinculadas ainda ao plano físico, numa correspondência afim com os encarnados de sua simpatia, afinidade atávica ou necessidade maior ditada pelo processo evolutivo de ambas as criaturas, encarnadas e desencarnadas.

Princesa do Aiucá – Um dos muitos títulos dados à Soberana do mar: o orixá Yemanjá.

Puxar o ponto – Dar início ao cântico. Fazer sozinho a rogação, cantando o "ponto", para os devotos acompanhar. Geralmente, a rogação é feita pelo Ogã ou pelo Sacerdote.

Q

Quartinha – Vasilha especial de barro, própria para guardar água. Na Umbanda, tem utilidade no processamento da 4ª Obrigação, dedicada a Oxalá. Após o preceito deve permanecer cheia d'água que é renovada quinzenalmente. Existem vários tipos de quartinha. No Nordeste é chamada de bilha, porrão, pote, moringão etc., quando passa de 1 metro de altura.

Quebrar as forças – Significa perder as "forças" vitais, magnéticas, mágicas não só a pessoa como também um "trabalho".

Quebrar o preceito – Interromper o rito, a ordem preestabelecida do "trabalho" que deve ser efetuado. Não cumprimento do que foi determinado no que tange à obrigação dentro do cerimonial. Quebra voluntária ou não do que foi preceituado para o êxito da mística.

Quilombo – Esconderijo de escravos fugidos, no Brasil colônia. Refúgio e aldeamento dos negros fugidos. Um dos mais importantes desses locais ficou conhecido por Quilombo dos Palmares. Casa, cabana no mato. A palavra quilombo expressa atualmente, espírito de resistência e união dos oprimidos.

Quimbanda – Sem existência como culto, organização ou seita. Significa prática degenerada da magia, somente para o mal. Dá-se o nome de quimbandeiro àquele que só deseja fazer malefícios aos semelhantes.

Quiumbas – Almas auxiliares dos Exus, que ainda não conseguiram ingressar na Organização dos 7 Focos. Existem dois tipos: quiumbas classificadas e quiumbas desclassificadas. Servem de olheiros, guardadores, mensageiros e colaboradores nos "trabalhos de magia".

Quizila – Alergia, ojeriza, antipatia, inimizade, zanga, insatisfação em relação a coisas, pessoas, comidas, cores, odores, bebidas, comportamentos etc. No Candomblé, o termo é fundamental no relacionamento religioso do praticante. Na Umbanda, não há proibição ritualística, idiossincrásica, a não ser quizila aos maus pensamentos, ações incorretas, comportamentos agressivos e inteiramente destoantes da vida religiosa. Palavra oriunda do quimbundo quijila.

Quimzumba – Carnívoro da África Ocidental; hiena. Popularmente: "Não quero quizumba...", "Não quero atrapaho ou disse me disse".

R

Rabo de encruza – Espíritos malignos, obsessores. Pessoa ruim, indesejável, que traz má sorte. Quiumbas desclassificadas, desocupadas, à margem das encruzilhadas.

Rabo de saia – Mulher, proteção de mulher.

Rainha das águas – Título dado ao orixá Yemanjá, entre outros. Senhora de todas as águas, embora predomine na água salgada.

Rapadura – Açúcar mascavo em forma de pequenos tijolos. Usa-se em "trabalhos", defumações, bebidas e doces junto a outros ingredientes (amendoim, laranja, cajú etc.)

Raspa – Produto da raspagem da madeira, osso, metal,

fibra etc. Raspa de osso de veado, coruja, osso humano e de certas árvores, para defumações, perfumes e "trabalhos" diversos.

Raspar – Termo usado no Candomblé no sentido de "fazer a cabeça", iniciar, catular. Faz parte do rito iniciatório a raspagem dos cabelos da(o) inicianda(o) pelo Chefe do Terreiro, dando começo ao cerimonial principal da "feitura". Sem uso na Umbanda.

Rastro – Vestígio da passagem de alguém ou de algum animal; pegada, pista. As pegadas no barro, na areia, ou na superfície da terra, são usadas para fazer "trabalhos" de magia com fins diversos.

Recado – Aviso; participação; quase sempre, uma mensagem de advertência dada por uma entidade a alguém presente ou ausente.

Receber – Dar incorporação a um espírito. Entrar em transe mediúnico. Recebimento de passes dados pela entidade.

Reza – Dizer preces, orações, fazer súplicas ou inovações. Murmurar palavras distintas de permeio com gestos significativos, ou não, a fim de "descarregar", neutralizar ou eliminar influências negativas que promovem o mau-olhado, quebranto, espinhela caída, "encosto" etc.

Riscar pontos – Riscar símbolos com a pemba – símbolos de significação esotérica, cabalística e próprios de entidades (chefes) do plano astral, na Umbanda. Os pontos riscados são efetuados através dos médiuns, possuindo o poder de estampar-se na tela etérica e até no plano astral, alguns metros acima do exposto no plano físico.

Ritual – Relativo a ritos; conjunto de cerimônias próprias a cada religião. Livro que indica ou consigna as fórmulas, práticas, cânticos, gestos e danças que devem ser observados na liturgia.

Roça – Roça, local, sítio, fazendola onde está localizado o Barracão, o Templo da religião do Candomblé, dedicado ao culto dos orixás. Denominação comum de local onde existe atividade agrícola, quase sempre utilizando a monocultura. Expressão do devoto candomblecista: "Eu vou à Roça" – o mesmo que "Eu vou ao Candomblé".

Roda de fogo – Rito de "descarrego" efetuado por Exu. (Vide Ponto de fogo).

Roncó – Camarinha. Quarto reservado ao pessoal da Casa. Local onde se processa a iniciação, o aprendizado dos iniciados. Na Umbanda, não existe esse compartimento. A Iniciação é feita no centro do Terreiro, em dias especiais, longe do público; trata-se de uma atividade esotérica.

Romaria – Peregrinação, jornada, andança de cunho religioso. Reunião de devotos para uma festa, longe do seu próprio Templo. Viagem a determinados locais como praias, cachoeiras, mata, pedreiras, rios etc.

Ronda – Patrulhamento armado efetuado por quiumbas qualificadas e comandadas por um Exu, a fim de manter a ordem pública, nas encruzilhadas, ruas e locais ermos, entre os desordeiros do plano astral contra encarnados e desencarnados da comunidade da Umbanda e do Candomblé.

Rosário – Conjunto de contas que perfazem quinze dezenas de ave-marias e quinze padre-nossos, que se rezam na prática religiosa dos católicos. Sem uso na Umbanda.

Rosa vermelha – Flor-símbolo de Ogun. Usada freqüentemente pelas pombas-giras que a prendem nos cabelos. Também serve de adorno nas "mesas a exu".

Roupa branca – Também chamada popularmente de "nanga". Termo para designar as saias, calças, chinelas, toalhas, blusas etc. da indumentária "do santo". A expressão "Ele (ou ela) usa roupa branca" indica que se trata de um devoto da Umbanda.

Roupa virgem – Roupa que ainda não foi usada nem utilizada no Templo de Umbanda. Nas Obrigações ritualísticas, é exigido o uso de "lençóis virgens" para a "deitada" iniciatória sobre esteiras.

S

Sacrifício – Oferta solene à divindade. No Candomblé, observa-se a matança de animais. Na Umbanda, o sacrifício é incruento, ou seja, não se derrama sangue.

Sacudimento – Rito de "descarrego" da aura humana. Eliminação de fluidos negativos por meio de gestos, cânticos e, principalmente, através da passagem pelo corpo da vítima de elementos vegetais e animais como absorventes etéreo-astrais e próprios para a medicação.

Saluba – Saudação ao orixá Nanã.

Salvar a mesa – O mesmo que "pagar a consulta" do jogo

de búzios ou de cartas. Também é comum ouvir-se: "pagar o chão", "salvar o anjo-da-guarda".

Sândalo – Nome de duas árvores da família das Santaláceas; perfume, pó, pedaço de madeira de odor muito ativo com inegáveis qualidades etéreo-astrais para dispersar fluídos e vibrações negativas. Usado nas defumações, em banhos e perfumes. A madeira, muito cheirosa, é usada em trabalhos ornamentais de entalho.

Sessão – O mesmo que "gira". Reunião para a prática litúrgica. Existem vários tipos de sessão: sessão de desenvolvimento, sessão pública, sessão esotérica (onde se processam os trabalhos de Iniciação), sessão de exu, sessão de caboclos, sessão de preto-velho, sessão de preces, sessão festiva etc.

Sereia – Ser mitológico (metade peixe, metade mulher) que, pela doçura do canto, atraía os navegantes para os rochedos do mar. Manifestação mediúnica (já superada na Umbanda) de entidades, conhecidas por "povo d'água, que, além de "limpar" o ambiente, prestavam homenagens a Yemanjá ou Oxum, vinham através dos médiuns geralmente femininos, em trejeitos parecidos com os das sereias.

Sereia do mar – Outro dos muitos nomes de Yemanjá. Em candomblés afro-indígenas, recebe o nome de Sereia Mukunã.

Senzala – No Brasil colônia, alojamento dos escravos negros. Lugar onde há barulho.

Sempre-viva – Planta da família das Compostas. Muito utilizada em "trabalhos" onde conta o elemento amoroso, também conhecida por sempre-noiva, flor-de-cetim, sempre nova.

Segurar a gira – Atenção redobrada por parte do Zelador, dos Ogãs e Pais-pequenos a tudo que acontece no Terreiro, desde os cânticos e danças até as incorporações de entidades nos médiuns. Fiscalização atenta ao andamento da sessão, tanto na parte física quanto na astral.

Santé – Referência às práticas religiosas na Umbanda, seu rito, objetos sacros, tradição, local do Templo, entidades, comportamento religioso etc.

Santo – Sagrado, puro, inocente. Diz-se do orixá ou de uma entidade protetora. Pessoa viva ou morta, de natureza muito boa, que se presume esteja muito perto da divindade.

Saravá – Saudação costumeira entre os umbandistas, significando: "boa sorte", satisfação em vê-lo", "até outro dia", "muitas felicidades" ou contentamento em ver uma pessoa conhecida.

Seara – Campo semeado de trigo. Conjunto de pessoas amantes de um princípio. Local das práticas religiosas, da sua gente, dos companheiros em geral.

Sete Encruzilhadas – Nome de um espírito de indígena, adiantado em conhecimentos e encarregado pelos mantores de fundar a Umbanda no plano físico, através do médium Zélio de Moraes, de 17 anos de idade, na cidade de Niterói.

Signo de Salomão – Dois triângulos eqiláteros entrelaçados, formando uma estrela de seis pontas. Esse desenho simbólico, encontrado em amuletos, estampas, pulseiras, anéis etc., foi trazido pelos escravos negros maometanos.

Sincretismo – Ecletismo. Sistema filosófico que combina princípios de diversos sistemas. A Umbanda é sincrética; amálgama com o Africanismo, o Hinduismo e o Cristianismo, recebendo influências do Catolicismo e do Espiritismo. Dos cultos afro-brasileiros os Terreiros tradicionais de Candomblé já estão abandonando toda influência católica.

Sotaque – Cânticos cheios de remoques, picuinhas, indiretas e gracejos. Linguajar peculiar a um indivíduo, a uma região.

Soprar a pemba – Rito mágico com diferentes finalidades. O Sacerdote sopra o pó da pemba ralada para descarregar os maus fluidos de um ambiente; no cerimonial de visitação a um Templo, a pemba ralada é soprada, na entrada, como prova de que os visitantes vem em paz e desejam comungar com todos os presentes.

Subir – Termo popular para designar a desincorporação do espírito.

Surra de santo – Diz-se do que sofre um médium em virtude de comportamento irregular, degradante e não agradável aos seus "guias protetores".

T

Tabuleiro de Omolu – Tabuleiro forrado de toalha branca, contendo pipocas e uma imagem coberta de palha. As pipocas, também conhecidas como "flores de omolu", são distribuídas aos passantes que dão dádivas em dinheiro para o culto do Orixá. Os Candomblés tradicionais proibem terminantemente essa prática; o mesmo acontece na Umbanda.

Talismã – Objeto "imantado" a que se atribui poderes sobrenaturais de proteção ao seu portador.

Tambor – Caixa cilíndrica, de madeira, com uma das bases coberta por pele de animal que se toca com baqueta ou com as mãos. Na Umbanda, o usual é a presença de dois tambores (atabaques), tocados pelos ogãs.

Tamoio – Indígena da tribo dos Tamoios; índios tupis que habitavam o Estado do Rio de Janeiro. Muitos desses indígenas, no plano astral, se passaram para a religião de Umbanda e formaram vários agrupamentos sob a liderança dos mais atilados, já conhecedores do idioma português, que ainda falam tropegamente.

Tata – Sacerdote do ritual de angola. Título usado na Umbanda quando o Babalorixá tem mais de 30 anos de atividade ininterrupta no exercício da função sacerdotal.

Tenda de Umbanda – O mesmo que Templo, Casa, Centro, Cabana, Terreiro. Local onde se realizam as "giras", sessões, encontros, reuniões, casamentos, batizados, "desenvolvimentos" e os cerimoniais esotéricos da Iniciação.

Terreiro – Parte central do Templo onde se processa propriamente a liturgia mágico-religiosa umbandista. Local onde os médiuns-devotos se localizam.

Tia – Tratamento carinhoso dado pelos encarnados às entidades das Pretas-Velhas, almas desencarnadas africanas e seus descendentes que chegam aos terreiros para prestar serviços assistenciais.

Tirar a mão da cabeça – Cerimonial do Candomblé para tirar a influência mágica da Ialorixá ou Babalorixá recém-falecido. Comum ouvir-se: "tirar a mão de vumbi". Na Umbanda, não existe esse rito e o processo é outro.

Toalha – Símbolo de submissão aos Orixás. Serve de leito para que os devotos se prostrem para suas orações e devoções às divindades. Usada também nas saudações aos circunstantes. A toalha branca, tem usualmente 2 metros de comprimento por 1 de largura. Usa-se também a toalha com duas cores, em homenagem aos "dois orixás de cabeça".

Toco – Termo usado pelos Pretos-Velhos ao referir-se aos banquinhos onde se sentam para conversar com os devotos e consulentes.

Tomar passe – Receber das mãos dos médiuns, em transe, vibrações magnéticas que servem para anular influências maléficas, adstritas ao corpo etéreo do paciente, **provenientes do mau-olhado, "encostos", depressões etc. Existem também os "passes" de ação vitalizadora.**

Toque – Ato de tocar instrumentos. Designação de uma reunião pública de Umbanda ou de Candomblé. Ex.: "Vou dar um toque na minha Casa..."

Trabalhar – Praticar o mediunismo na sessão. Ajudar, dentro do terreiro, na "gira".

Trabalhar para o mal – No sentido de fazer "trabalhos" para o mal de alguém; usar a feitiçaria, a magia negra, acumpliciar-se com entidades maléficas.

Trabalhar para o bem – No sentido de fazer "trabalhos de desmanchos" no sentido de anular o que antes foi feito para o mal. Uso da magia e de entidades benfazejas para a "defesa" e invalidar, por completo, uma agressão astral.

Trabalho – Atividade físico-etéreo-astral que resulte na consecução de "forças" que se direcionem ao alvo pretendido, benéfica ou maleficamente. Os componentes de um "trabalho" constam de elementos orgânicos (cabelos, unhas, restos de comida, roupas usadas, secreções, objetos de uso pessoal etc.), além de ervas, sementes, folhas, animais, pássaros, metais e elementos diretos do fogo, da água, da terra e do ar, numa catalização química, manipulada pelo operador no plano físico e entidades no plano astral, envolvidas no empresamento de ação mágica.

Traçado – Configuração de um culto de Umbanda ou Candomblé inteiramente desfigurado nos seus princípios e fundamentos. Indivíduos sem nenhuma preparação sacerdotal inventam ritos, copiam gestos, vestimentas, linguajar e desculpam-se em público dizendo: "Meu Candomblé é traçado" ou "Minha Umbanda é traçada com o angola, gêge, keto etc. etc." Inescrupulosos, sem filiação religiosa, sem nenhuma doutrina, enganam os incautos enlameando as religiões de Umbanda e Candomblé.

Tradição – Transmissão de registros de acontecimentos, lendas, narrativas, valores morais e espirituais de geração, de pais para filhos. A cultura afro-brasileira detém a tradição dos orixás. A Umbanda, por ser religião nascida neste século, no Brasil (1908), ainda não possui tradição própria, embora endosse, pelo sincretismo, a *tradição* da essência religiosa do africanismo, do hinduísmo e do cristianismo.

Tranca-Rua – Exu, chefe do 7.º Foco da Organização dos Exus e devoto do orixá Ogun a quem homenageia no seu campo de trabalho. Tranca-Rua é o título dado a um médico

espanhol muito influente, em vida, na política espanhola, no tempo da Inquisição. Desencarnado, passou-se para o astral brasileiro seguindo familiares encarnados que aqui estiveram, no Brasil-colônia, em 1780. Desejando redimir-se dos hediondos crimes praticados, em cumplicidade com o clero católico, na usurpação de bens de cidadãos inocentes, o famoso médico e político passa para o anonimato através do apelido "Tranca-rua" e constitui a Organização dos Sete Focos, a pedido dos mentores da Umbanda, para combater o mal em todos os seus aspectos. Oferece, assim, um campo de trabalho a milhares de criaturas que saem da ociosidade astral e iniciam um trabalho ordenado em prol dos mais fracos. Presentemente, existem, na Umbanda, muitos "tranca-ruas" como preito de admiração ao fundador da Org.

Transe – O mesmo que incorporação, posseção; momento aflitivo de poucos segundos com a chegada da entidade astral que assume o comando das regiões umbilical e laríngea do "aparelho" o qual, então, passa a ser dirigido corporalmente pelo espírito e a transmitir verbalmente seus pensamentos.

Tratado – O que foi acertado entre o postulante e a entidade astral para ser cumprido antes, durante e depois do "trabalho" consumado. Existe um ditado que diz: "O tratado não é caro nem barato..."

Tridente – Que tem três dentes. Cetro mitológico de Netuno; domínio dos mares. Os exus, na Umbanda, adotaram o tridente como símbolo, em homenagem ao orixá Yemanjá.

Troca de santo – Cerimônia para pôr o "santo certo" na cabeça do iniciando que estava com o "santo trocado". Ritual do Candomblé. Sem uso na Umbanda.

Tuia – O mesmo que pólvora, fundanga, substância explosiva composta de salitre, carvão e enxofre. Muito usada nos "descarregos" chamados de "ponto de fogo" ou "roda de fogo".

U

Umbanda – Palavra mântrica de origem desconhecida. Alguns estudiosos tentaram buscar significação num dialeto do kimbundo. Foi pronunciada pela primeira vez, exatamente na noite de 15 de novembro de 1908, pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, fundador da Umbanda no plano físico.

Urupema – Peneira de fibra vegetal usada para o jogo de búzios. Também se utiliza na cozinha. Possui vários nomes: urupemba, gurupema, sururuca e jurupena.

V

Vadiar – Termo usado pelos Caboclos e Boiadeiros para dizer que vão observar, mas com certa despreocupação. Brincar, andar em pagodeiras, vaguear, andar de um lado para outro, ociosamente.

Vampirismo – Sucção de sangue, de energias vitais, consciente ou incoscientemente, executada por espíritos de falecidos ou algozes do plano astral contra determinadas pessoas, deixando-as doentes, fracas, desequilibradas e exangues.

Vatapá – Apreciável comida da cozinha afro-bahiana, feita de camarão, peixe, leite de coco, azeite de dendê, pimenta malagueta e outros ingrediantes. É servida, na Umbanda, após o culto, em oportunidades festivas.

Vela – Peça cilíndrica, de vários tamanhos, feita de substâncias gordurosas e combustível, tendo no centro uma torcida de algodão. Na Umbanda, usam-se velas de cera de abelha ou de carnaúba para as obrigações ritualísticas. As velas confeccionadas com estearina têm apenas valor simbólico, iluminando apenas o plano físico, já que sua luz não adentra os planos etéreo e astral.

Vibração – Ato ou efeito de vibrar, mover, pulsar, fazer soar, tanger, abalar; movimento rápido de vai e vem das moléculas. Os orixás, através de suas manifestações, produzem vibração própria que atravessam os planos mental, astral e físico, impregnando-se na Criação das naturezas planetárias e estelares. Todos os corpos emitem vibrações. O pensamento da criatura humana, sendo matéria, possui vibração peculiar.

Vidência – Faculdade parapsicológica que dá a capacidade de ver instantaneamente espíritos no plano etéreo e astral; tipo de faculdade rara.

Vidente – Pessoa que profetiza, muito perpicaz. Aquele que possui a vidência. Não confundir com o clarividente que consegue ver com profundidade e por mais tempo. Se já é raro encontrar um vidente, pressupomos que não exista mais do que meia dúzia de clarividadentes em todo o mundo.

Vinho tinto – Bebida de suco de uvas pretas. Usado por alguns pretos-velhos como aperitivo e aproveitamento das emanações para pequenos trabalhos de magia.

Virar para o santo – Incorporar o espírito. Quando se trata

da primeira vez, diz-se, no Candomblé, que "bolou com o santo". Na Umbanda, essa expressão não tem uso.

Visagens – Assombração. Aparição rápida e sobrenatural. Quase sempre a forma por que os videntes vêem os espíritos na tela etérica.

Visitação – Ato ou efeito de visitar. Muito comum, após os anos 60, a visitação de um Terreiro a outro Terreiro, para cumprimentar, saudar e participar de giras festivas. Não confundir com Romaria.

Vovó – Linguagem afetiva dirigida às pretas-velhas desencarnadas, quando não são tratadas de "tia" nos terreiros de Umbanda.

Vovô – Maneira carinhosa de tratamento – já que não há laços de parentesco – muito comum para designar os pretos-velhos da Umbanda.

Vovó Maria Conga – Preta-velha de descendência africana com invejáveis conhecimentos de mandinga. Espírito atilado e sempre desejoso, desde a juventude, da libertação da gente negra no Brasil. Entre os primeiros mentores da Umbanda no plano astral, foi a única mulher a compor a "mesa de Umbanda" e ter papel preponderante nas decisões finais.

Vumbi – Cerimônia fúnebre de origem banto. "Tirar a mão de vumbi" significa tirar dos iniciandos a influência mórbida após morte do Pai ou Mão-de-santo. Na Umbanda, não há esse rito, privativo do Candomblé.

X

Xapanã – Senhor de todas as doenças, considerado como o causador da varíola, doença nefasta, temível. Já erradicada do planeta. Nos dias atuais, teria parâmetro com o câncer e a aids. Um dos nomes do orixá Omolu – Senhor da transformação.

Xaxará – Símbolo do orixá Omolu, feito de palha da Costa, trançada e enfeitada com contas e búzios. Usado, na Umbanda, como emblema e símbolo, nos congás.

Xoxar – Falar mal, fazer pouco dos outros, menosprezar, ridicularizar, avaliar segundo seu próprio conhecimento. Dar início a um fuxico, intriga ou fofoca.

Y

Yalorixá – O mesmo que Ialorixá.

Yemanjá – Orixá de todas as águas. Divindade que alenta a Criação universal.

Yaô – O mesmo que iaô. Nome que a inicianda recebe logo após o rito do sundidé. Sem uso na Umbanda.

Yorubá – Povo sudanês que habita a região de Yorubá (Nigéria, África Ocidental). Idioma falado por esse povo.

Z

Zâmbi – Ser Supremo dos cultos bantos. Na religião de Umbanda, é o "Criador incriado", "Aquele que tudo é" etc. Zâmbi ou Olorun. Os umbandistas estão cientes que esses dois nomes são apenas convencionais para "Aquele que é inominável".

Zamburá – O ato de jogar búzios. Fazer adivinhação e divinação através dos búzios.

Zelador-do santo – O mesmo que Babalorixá, Yalorixá, Tata (após 30 anos de exercício, Padrinho, Pai-de-santo, Mãe-de-santo, Cabeça Maior, Cabeça Branca, Chefe-de-terreiro e Sacerdote.

Zé Pilintra – Nome de vários espíritos oriundos do Catimbó, inspirados, naturalmente, no primeiro que usou esse apelido. É conhecido também por "seu Zé", "Zé Pilantra" e "Zé filintra", popularizado, finalmente, por Zé Pilintra. São benquistos entre os exus da Umbanda e, segundo informações dignas de crédito, estão-se passando para a Organização dos Sete Focos. Vestem-se de terno branco e usam chaéu mole, gravata ou lenço vermelho no pescoço e bengala. Têm conversa irreverente no princípio, mas amigável no fim, e cânticos jogosos e picantes. Operosos no plano astral. Nas giras de exu goxam de entrada franca e desejável.

Zumbi – Nome dado a um escravo e guerrilheiro negro que foi chefe do quilombo dos Palmares, região do Estado de Alagoas no século XVIII. No Haiti (zombie) apresenta-se como um cadáver – alma de outro mundo – animado por uma força mágica. Espírito perturbado, fantasma dirigido para amedrontar os vivos. Segundo a crença popular afro-brasileira, criatura morta-viva que vagueia altas horas da noite pelas estradas.

Zuninga – Termo bantu com o mesmo significado de aguardente, marafo, cachaça, malafo etc.



SARAVÁ 15 DE NOVEMBRO

Declaração de Zélio de Moraes

Na noite de 15 de novembro de 1908, manifestava-se na Federação Espírita de Niterói, pelo médium Zélio de Morais, o Caboclo das 7 Encruzilhadas. Perguntado como ocorrera a eclosão de sua mediunidade, o médium esclareceu:

"Eu estava paralítico, desenganado pelos médicos. Certo dia, para surpresa de minha família, sentei-me na cama e disse que no dia seguinte estaria curado. Isto foi a 14 de novembro de 1908. Eu tinha 18 anos. No dia seguinte amanheci bom. Meus pais católicos, diante desse fato inexplicável, levaram-me à Federação Espírita de Niterói, cujo presidente era o Sr. José de Souza. Foi ele mesmo quem me chamou para ocupar um lugar à mesa de trabalhos, à sua direita. Senti-me deslocado, constrangido, em meio àqueles senhores. E causei logo um pequeno tumulto. Sem saber por que, em dado momento, eu disse: "Falta uma flor nesta casa; vou buscá-la". E, apesar da advertência de que não poderia afastar-me, levantei-me, fui ao jardim e voltei com uma flor que coloquei no centro da mesa. Serenado o ambiente e iniciados os trabalhos, verifiquei que os espíritos que se manifestavam aos videntes como índios e pretos eram convidados a se retirar. Foi então que, impelido por uma força estranha, levantei-me e perguntei por que não se podiam manifestar esses espíritos que, embora de aspecto humilde, eram trabalhadores. Estabeleceu-se um debate: "... Amanhã estarei na casa deste "aparelho", simbolizando a humildade e



Zélio de Moraes (1891-1975)

a igualdade que devem existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem um nome, que seja este: Sou Caboclo das 7 Encruzilhadas, porque, para mim, não há caminhos fechados". Minha família ficou apavorada. No dia seguinte, verdadeira romaria formou-se em frente à minha residência. O Caboclo das 7 Encruzilhadas manifestou-se, dando-nos a primeira sessão de Umbanda. Como prova de sua presença, através do passe, curou um paralítico, entregando a conclusão da cura ao preto-velho Pai Antonio, que também se apresentou. Estava, pois criada a primeira tenda de Umbanda, com o nome de Nossa Senhora da Piedade "porque, assim como a imagem de Maria ampara em seus braços o Filho, seriam amparados todos os que a recorressem..."

"Na época — esclareceu Zélio — imperava a feitiçaria; trabalhava-se muito para o mal, através de objetos materiais, aves e animais sacrificados, tudo a preços elevadíssimos. Para combater esses trabalhos de magia negativa, o Caboclo trouxe outra entidade, o orixá Malê, que destruía os malefícios e curava obsediados. Ainda hoje isso existe: há quem trabalhe para fazer ou desmanchar feitiçaria, só para ganhar dinheiro. Mas eu digo: não há ninguém que possa contar que cobrei um tostão pelas curas realizadas em nossa casa; milhares de obsediados, enfermos e problemáticos, encaminhados, inclusive, pelos médicos. E quando se apresentavam ao Caboclo a relação dos enfermos, ele indicava os que poderiam ser curados espiritualmente; os outros dependiam de tratamento material.
Os meus guias nunca mandaram sacrificar animais, nem permitiram que se cobrasse um centavo pelos trabalhos efetuados. As sessões seriam feitas às 20.00 hs., com atendimento gratuito, obedecendo ao lema: "Dai de graça, o que de graça recebestes".

HOMENAGENS

Foram exatamente 137 os Templos de Umbanda que visitamos durante cerca de três anos, de 1982 a 1984. Percorrendo os Estados de Minas, São Paulo, Paraná e Rio, colhemos, entre Babalorixás e Ialorixás, os dados essenciais para elaborar este ensaio que reputamos de grande valia, não só para os companheiros sacerdotes mas também para os devotos e simpatizantes desse culto de vinte milhões de brasileiros.

Consoante a filosofia dos nossos pretos-velhos, que dizem que "é mais importante aprender que saber", aprendemos com todos os irmãos, mais velhos e mais novos. Percebendo a importância do nosso propósito (o de registrar em palavras e imagens os conhecimentos práticos sobre *a magia da iniciação ritualística na Umbanda*) todos contribuíram para a realização desse trabalho. A todos os companheiros que nos manifestaram compreensão e estímulo agradecemos, pois, o serviço prestado à causa da Corrente Astral de Umbanda da nossa terra.

Nesta oportunidade, cabe-nos atestar para os nossos leitores que, se, em alguns casos, durante nossos numerosos contatos, notamos algum despreparo ritualístico, ignorância doutrinária, conceituações descabidas etc., em parte alguma deparamos engodo, mercantilismo e tampouco a presença da nefasta "indústria de fazer cabeça". Felizmente!

Trabalhando com afinco e codificando o melhor e mais usual na prática iniciatória dos Terreiros, estamos cônscios de que, nesta segunda fase histórica do movimento umbandista, o período de afirmação doutrinária (1978/2049)*, muito útil será esta exposição. Tanto servirá à geração presente quanto às futuras que lucidamente prosseguirão na obra de implantar uma Umbanda lídima que vise, fundamentalmente, à *manifestação do espírito para a caridade* e a despertar anseios de espiritualidade por este Brasil afora, uma dádiva do nosso amado Pai *Olorun* — Senhor do princípio e do fim.

Que a grandeza dos orixás esteja com todos os irmãos e dirigentes umbandistas de nossa terra,

deseja ardentemente,

Omolubá

* O primeiro período é o "Período de Propagação" (1908/1978).

INICIAÇÃO RITUALÍSTICA NA UMBANDA

Nada do que se mantém oculto
deixará de ser revelado;
nada do que é secreto
deixará de ser conhecido.
Os Evangelhos

É por livre e espontânea vontade que o aspirante se inicia na Umbanda. Não há pressões, compulsões nem promessas a despertar sua vaidade, levando-o a pensar que será superior a alguém na escala hierárquica. Na Hierarquia, só vai encontrar mais responsabilidades e mais encargos no serviço contínuo à causa umbandista. A partir da Iniciação, o mínimo que se espera do aspirante é a renovação de carater. O exemplo de correção moral vem dos guias e estende-se ao Sacerdote, ao Iniciando e aos devotos. Essa mudança de comportamento começa no lar e manifesta-se também no trabalho e na vida de relação, em geral.

A *iniciação* na Umbanda é um rito físico, emocional e mental. Compreende 7 (sete) Obrigações, praticadas no decorrer de quatro anos e divididas em duas partes: Obrigações essenciais (Vinculação — Exu — Amaci e Oxalá) e Obrigações Convencionais (Dois orixás — Sacerdotal e Confirmação), a par do estudo da doutrina, das religiões comparadas e do esoterismo.

* A palavra *iniciação* deriva do latim initiare (iniciar) com a mesma etimologia de initium (início, começo) vindo ambas de *in-ire*, ir para dentro ou ingressar. A palavra iniciação tem, pois, o duplo sentido de *iniciar e caminhar para dentro*. O Iniciado é portanto aquele que decidiu caminhar para dentro de si mesmo em busca da VERDADE.

DEVOTO	CERIMONIAIS	ESPAÇO	FINALIDADE	TEMPO
OBRIGAÇÕES ESSENCIAIS Determinadas pelo Babalorixá ou Ialorixá	1ª Obrigação **VINCULAÇÃO**	no terreiro	Ligação física, emocional e mental entre o Iniciando, o Sacerdote e os guias protetores do Templo e do devoto.	0
	2ª Obrigação **EXU**	em frente à casa do Exu ou no seu interior	Compromisso de trabalho e proteção entre o Exu da Casa e o Exu do devoto.	7 meses após a vinculação
	3ª Obrigação **AMACI**	no terreiro ou na macaia	Limpeza e energismo no corpo etérico do Iniciando	7, 14 ou 21 dias após.
	4ª Obrigação **OXALÁ**	no terreiro	Pacto de renovação moral e vida interior entre o Iniciando e o Orixá, passando o iniciando a viver com bondade e amor ao próximo.	7 meses após o amaci
OBRIGAÇÕES CONVENCIONAIS Decididas pelo Iniciando ou seu Guia	5ª Obrigação **DOIS ORIXÁS DE CABEÇA**	no terreiro	Enquadramento mágico-religioso com as duas energias predominantes no campo biológico e psicológico do Iniciando.	mínimo de 12 meses após a Obrig. anterior
	6ª Obrigação **DEITADA SACERDOTAL**	no terreiro	Assembléia com as 12 Energias (orixás) para que o Iniciando desempenhe sua missão sacerdotal nos 3 planos – físico, astral e mental.	mínimo de 12 meses após a Obrig. anterior
	7ª Obrigação **CONFIRMAÇÃO**	no terreiro	Recebimento do PODER e vinculação com a comunidade astral de Umbanda	mínimo de 7 meses após a Obrig. anterior

OBRIGAÇÕES ESSENCIAIS*

1ª Obrigação – VINCULAÇÃO

É a ligação física, emocional e mental do Iniciando ao Templo, ao Zelador e ao Guia-chefe da Casa. Consiste, no campo da magia, na "deitada" sobre esteira de palha, forrada por lençol, cobrindo-se o Iniciando com outro lençol. Devem ser lençóis virgens e brancos. Esse rito, além de possuir força de "descarrego", serve também como batismo do novo "filho de fé".

O Iniciando permanece deitado por 6 (seis) horas consecutivas. Rito particular só observado por aqueles que tenham passado pela *vinculação.*

No leito iniciático, estão espalhados aviamentos próprios ao "descarrego" e de ação vitalizante para corpo físico e etérico do Iniciando.

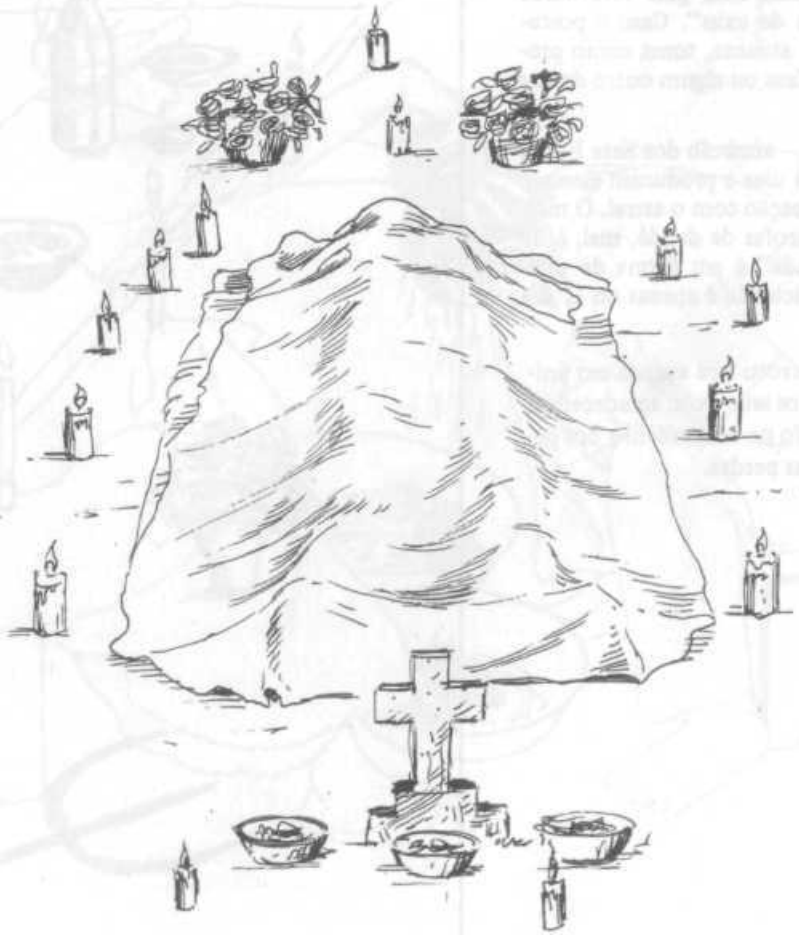
São efetuadas defumações de hora em hora, quando então se ouvem cânticos oferendados aos Pretos-Velhos e Caboclos acompanhados pelo som dos atabaques.

No plano astral, é intensa a movimentação das almas encarregadas do cerimonial primeiro, no sentido de uma consecução satisfatória.

Além de oferendas às almas que ficam aos pés do Iniciando, notam-se 12 (doze) velas de cera em volta do corpo, representação simbólica dos **Doze Orixás** de Umbanda.

"Doravante – declara o Sacerdote ao Iniciando – beberemos da mesma água da tormentosa corrente da vida aplicando a sede das nossas próprias inferioridades, irmanados num só sentimento: o conhecimento de nós mesmos. A Umbanda é o nosso lar. Os guias, a nossa proteção. Salve, Orixás. **Glória a Olorun.**"

Quando essa *obrigação* tiver caráter iniciático, só será permitida a maiores de 16 anos de ambos os sexos. Esse rito poderá também ser realizado especificamente como "descarrego", sem conotação iniciática e vinculação ao Templo; nesse caso, sem a finalização do "serviço" simbólico da água na bandeja.



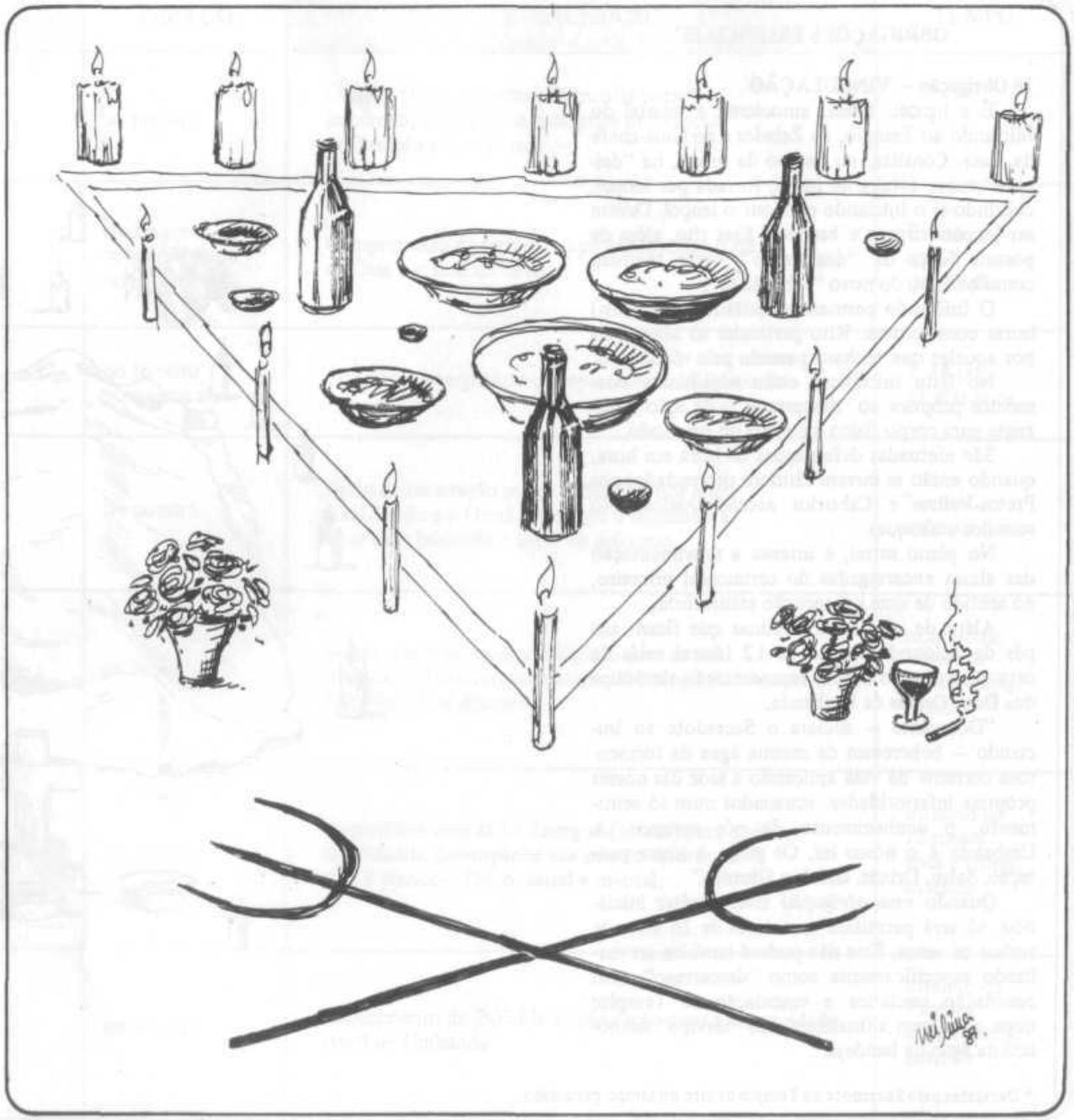
* Decididas pelo Sacerdote do Templo dentro do tempo permitido.

2ª Obrigação – EXU

Rito efetuado 7 (sete) meses após a vinculação. São oferecidos "engambelos" ao Exu do Terreiro e aos exus do Iniciando (caso os tenha). Três dias após o Iniciando recebe a guia (colar) preta e vermelha retirada de um amaci, com ervas próprias dessas entidades. Essa guia será usada estritamente nas "giras de exus". Caso o postulante não seja médium atuante, toma como protetor o Exu-Chefe da Casa ou algum outro de sua simpatia.

Sete velas de cera – símbolo dos Sete Focos – ficam acesar por três dias e produzem elementos possível de comunicação com o astral. O mesmo acontece com as farofas de dendê, mel, água e aguardente. A "arriada" é em forma de pirâmide. A presença do Iniciando é apenas no 1.º dia por algumas horas.

Daí por diante o devoto fará apenas um único engambelo por ano aos seus exús, agradecendo sua guarda e colaboração no afastamento dos perigos ou minimização das perdas.



3ª. Obrigação – AMACI

O amaci é um banho purificatório destinado ao corpo e, principalmente à cabeça do Iniciando. É preparado pelo Babalorixá ou Ialorixá com um mínimo de 7 ervas diferentes (relacionadas com os orixás) colhidas de acordo com a lunação e a qualidade.

O cerimonial, executado somente no período que vai da lua nova ao crescente, é individualizado. Tanto pode ser realizado no Templo como na macaia, a critério do Zelador. O rito do amaci é feito 7, 14 ou 21 dias depois da Obrigação a Exu.

A água utilizada no amaci é procedente da chuva ou da nascente dos rios, livre de impurezas ou aditivos químicos. O vasilhame para conter o amaci será preferentemente de ágata, em forma de bacia.

As ervas são maceradas com as mãos e ficam em repouso na água por vinte e quatro horas. Depois, serão "acordadas" e usadas ritualisticamente ao som dos cânticos para os orixás – Ossãe em primeiro lugar – e as almas.

Todos os anos, o Iniciando promoverá, por conta própria, o seu amaci, usando principalmente as ervas do seu "orixá de cabeça". De *obrigação*, o amaci passa a ser uma *devoção* anual, sempre com o fito de fortalecer sua cabeça.

Mulheres no período menstrual não podem receber o amaci. Após o 1.° amaci, o Iniciando não precisa mais da intervenção do Zelador.

Após o cerimonial do amaci, é de praxe o Sacerdote oficiante jogar os búzios para saber dos "dois orixás de cabeça" do Iniciando ou então, receber a informação do Guia-chefe do Templo na sessão seguinte.





4ª Obrigação – OXALÁ

Um ano após a Obrigação de amaci, é efetuada a Obrigação com a "mesa de Oxalá", que encerra o ciclo das obrigações essenciais, compulsórias. O cerimonial dura algumas horas e é quase sempre realizado aos domingos, dia consagrado ao Orixá da Sabedoria e do Amor.

Estende-se, no centro do Terreiro, uma toalha de linho branco, bordada, e sobre ela colocam-se flores, frutos, manjares, bebidas (vinho branco, água, mel e leite), sumo das ervas do orixá, amaci pronto com guias, quartinhas dos Iniciandos (que, após a cerimônia, passados três dias, poderão levar para suas casas), pão, arroz-doce, canjica (munguzá) que serão servidos a todos os participantes numa ceia iniciática, ao som de cânticos próprios do Orixá.

O cerimonial, conduzido pelo Babalorixá ou a Ialorixá, pode ter a participação de até 7 (sete) Iniciandos de uma só vez. No final da ceia. Soltam-se tantos pombos brancos quantos forem os iniciandos. Não há sacrifício dos animais. As aves são apenas magnetizadas com pemba branca e acariciadas por todos como se mensageiras fossem dos desejos de paz e amor para a humanidade sofrida.

Como o amaci foi preparado com antecedência de três dias, o Sacerdote chama cada Iniciando e lhe confere a guia de Oxalá que só será usada nas sessões. Serve-se, então, em bandeja água mineral. Finalmente, o sacerdote profere palavras fraternas de carinho e estímulo para que cada Iniciando alcance o estado de amor e sabedoria que emanam permanentemente do Orixá.

OBRIGAÇÕES CONVENCIONAIS*

"ORIXÁS DE CABEÇA – SACERDOTAL – CONFIRMAÇÃO"

5ª Obrigação – ORIXÁS DE CABEÇA

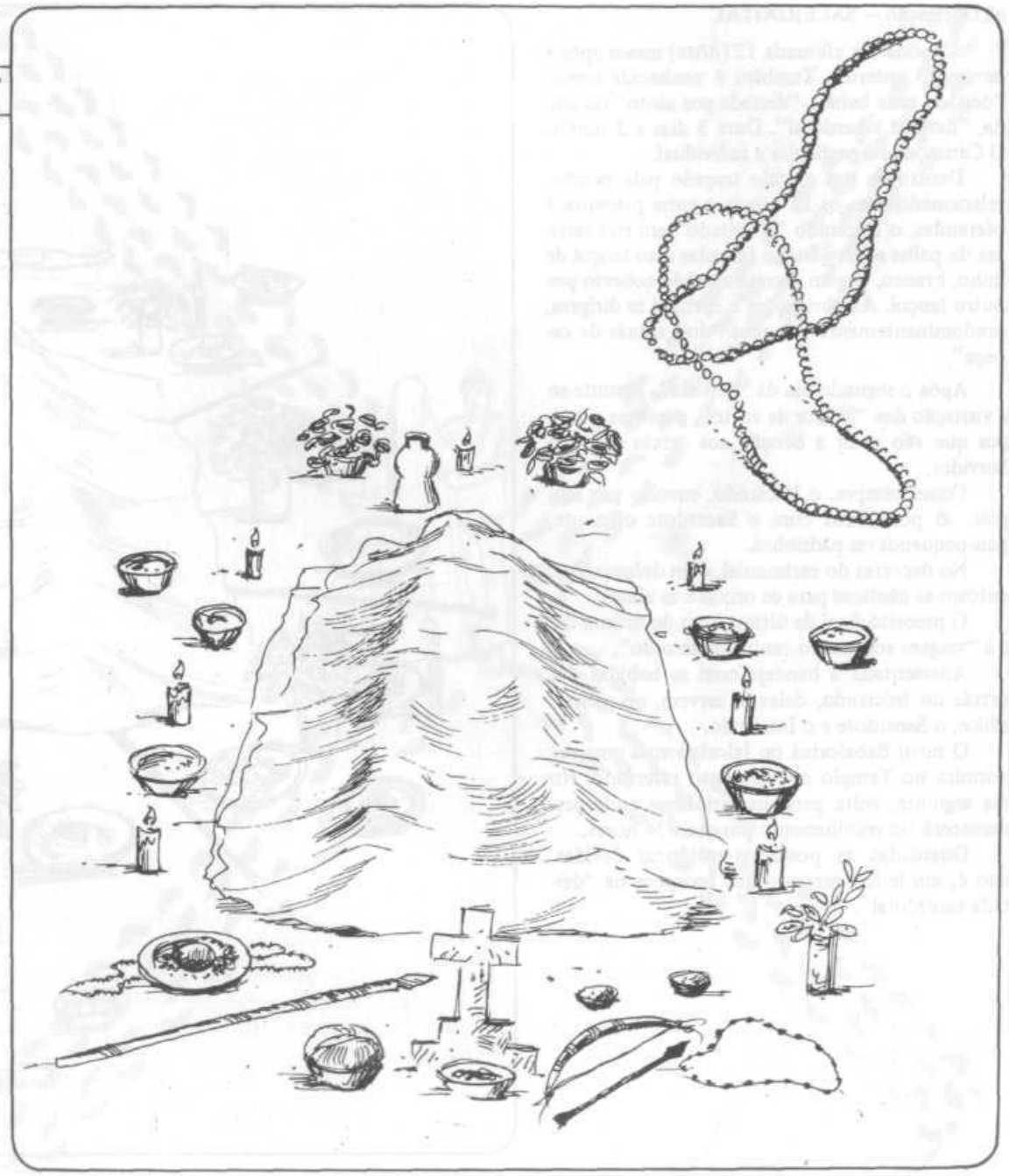
Só os guias protetores do Iniciando ou ele próprio é que decidem realizar essa *obrigação* que só pode ser efetuada 1 (um) ano depois da Obrigação de Oxalá. É uma "deitada" de vinte e quatro horas, dedicada aos dois "orixás de cabeça" do postulante.

Durante todo o tempo do ritual, há oferendas, cânticos e defumações. O Iniciando permanece deitado em duas esteiras forradas por um lençol de linho branco, virgem, coberto dos pés à cabeça por outro lençol semelhante. Cerimônia individual – exceto se houver outros iniciandos com os mesmos "orixás de cabeça". Nesse caso o cerimonial pode ser compartilhado.

Só assistem a essa *obrigação* os que por ela já passaram. Finda a provação, recebe o Iniciando duas guias (colares) com as respectivas cores dos seus "dois orixás de cabeça".

Essa *obrigação* se repete de dois em dois anos até que o devoto realize a *obrigação* seguinte.

Sendo o Iniciando filho de Oxalá, quando fizer a *obrigação* dos "dois orixás" a simbologia do orixá da Sabedoria será com flores, frutos, ervas e demais aviamentos próprios, portanto não será posta novamente a "mesa de Oxalá" da *4ª obrigação.*



* Obrigações que ficam a critério exclusivo do devoto ou de seus Guias.

6ª Obrigação – SACERDOTAL

Só pode ser efetuada 12 (doze) meses após a *obrigação* anterior. Também é conhecida como: "deitada para babá", "deitada pro santo" ou ainda, "deitada sacerdotal". Dura 3 dias e 3 noites. O Cerimonial é particular e individual.

Dentro de um círculo traçado pela pemba, relacionado com os 12 orixás, e entre preceitos e oferendas, o Iniciando "é deitado" em três esteiras de palha sobrepostas e forradas com lençol de linho, branco, virgem, permanecendo coberto por outro lençol. As obrigações e o ritual se dirigem, predominantemente aos seus "dois orixás de cabeça".

Após o segundo dia da "deitada", permite-se a visitação dos "irmãos de santo", parentes e amigos que vão pedir a bênção aos orixás do novo Servidor.

Como sempre, o Iniciando, envolto por lençóis, só pode falar com o Sacerdote oficiante, pais-pequenos ou padrinhos.

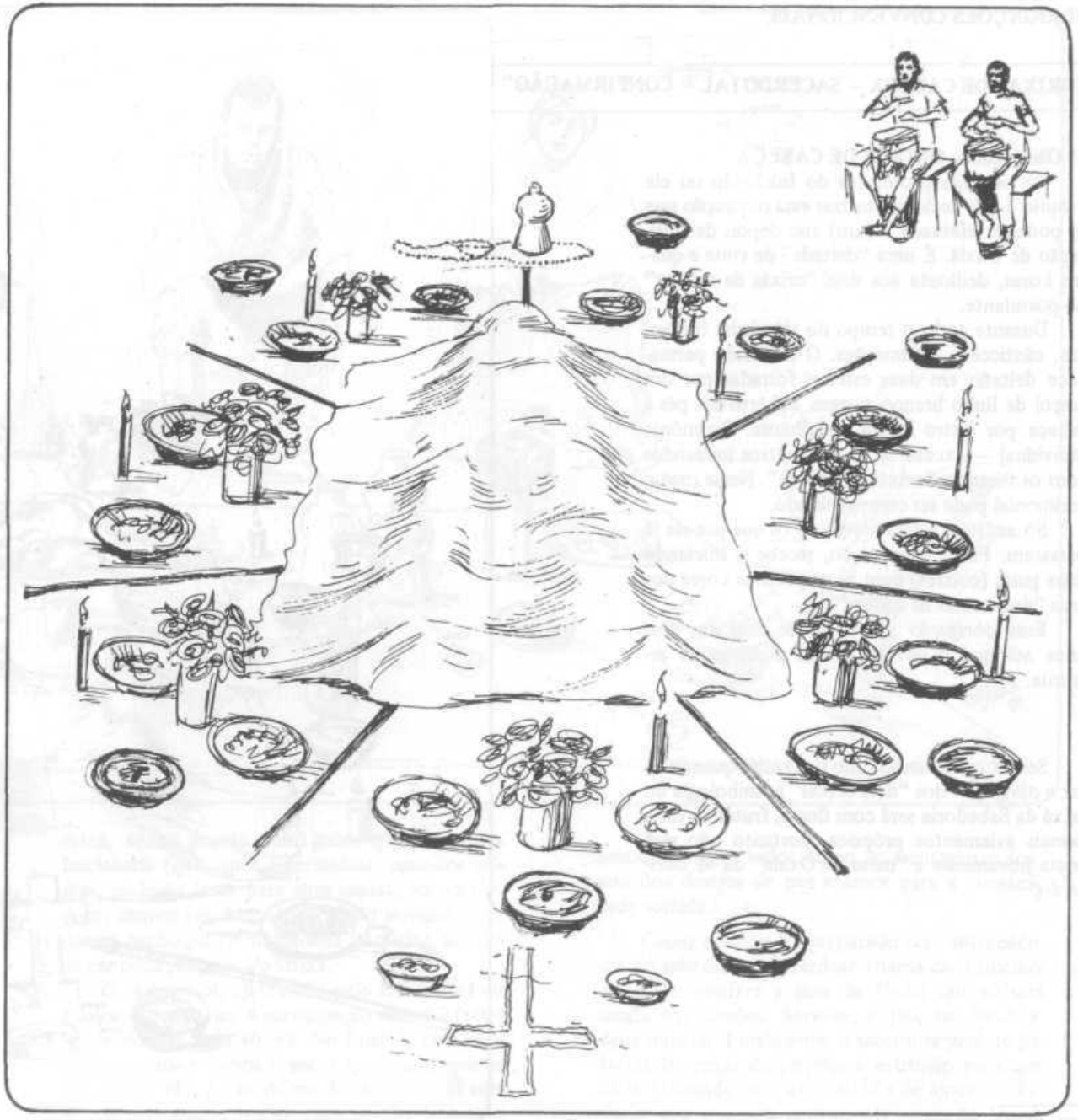
No decorrer do cerimonial, com defumações, entoam-se cânticos para os orixás e as almas.

O preceito final da última hora do último dia é a "viagem aos quatro cantos do mundo".

Apresentada a bandeja com as bebidas dos orixás do Iniciando, delas se servem, no mesmo cálice, o Sacerdote e o Iniciando.

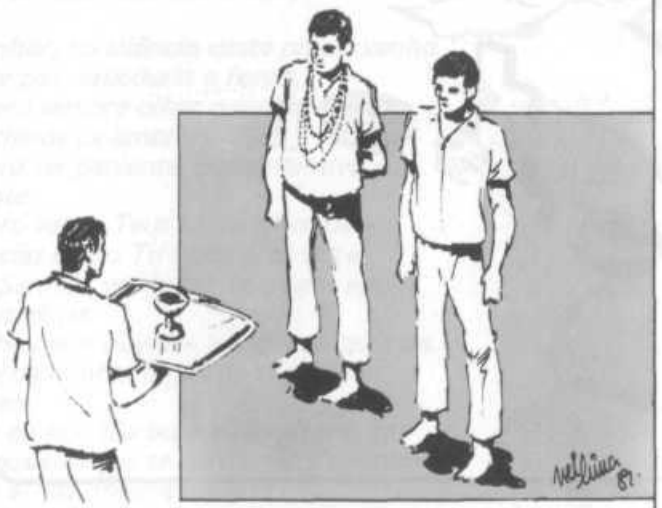
O novo Babalorixá ou Ialorixá mais uma vez dormirá no Templo em aposento reservado. No dia seguinte, volta para sua residência onde permanecerá em recolhimento por mais 24 horas.

Guardadas as posturas esotéricas devidas, isso é, em linhas gerais, o que acontece na "deitada sacerdotal".

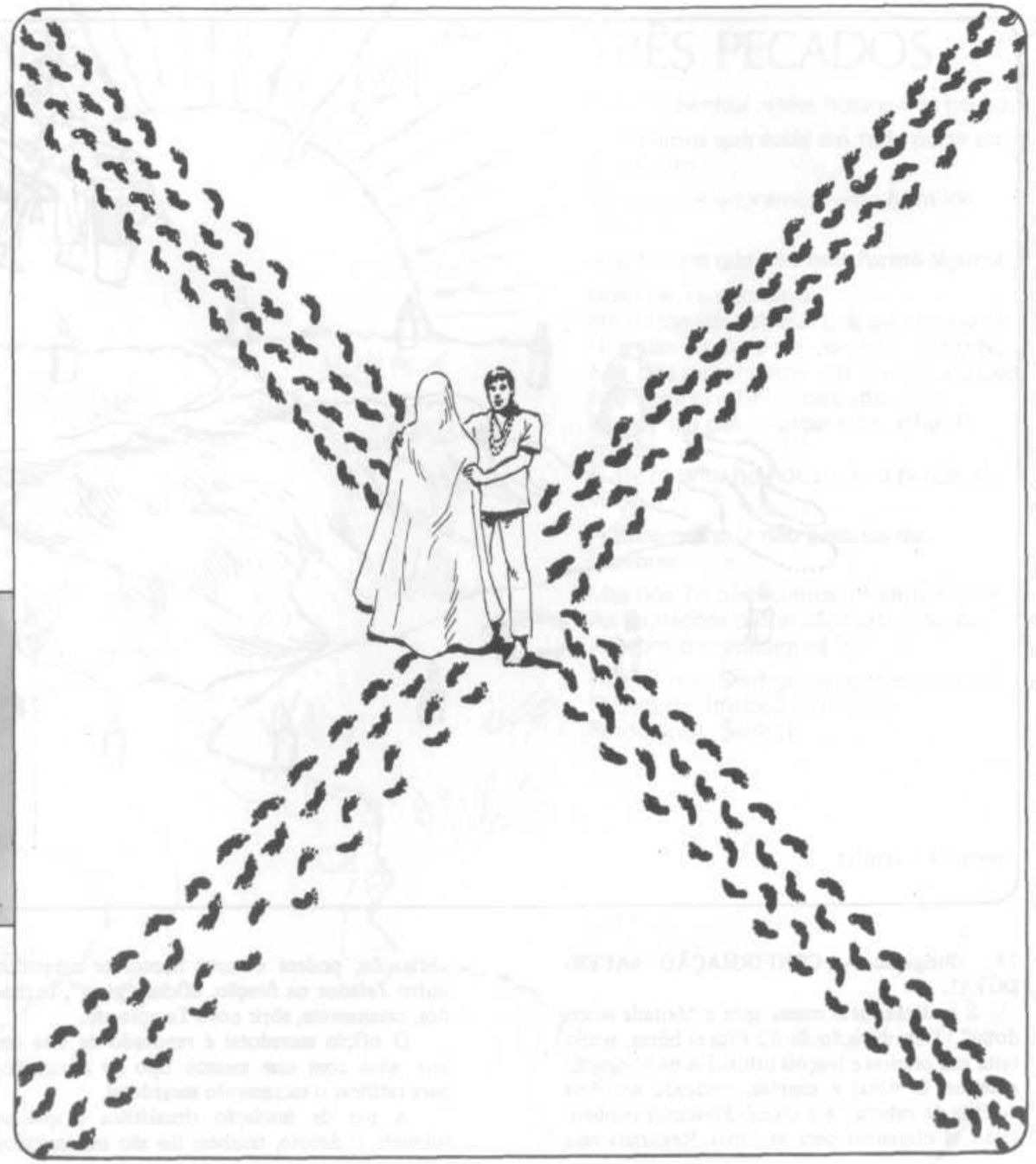


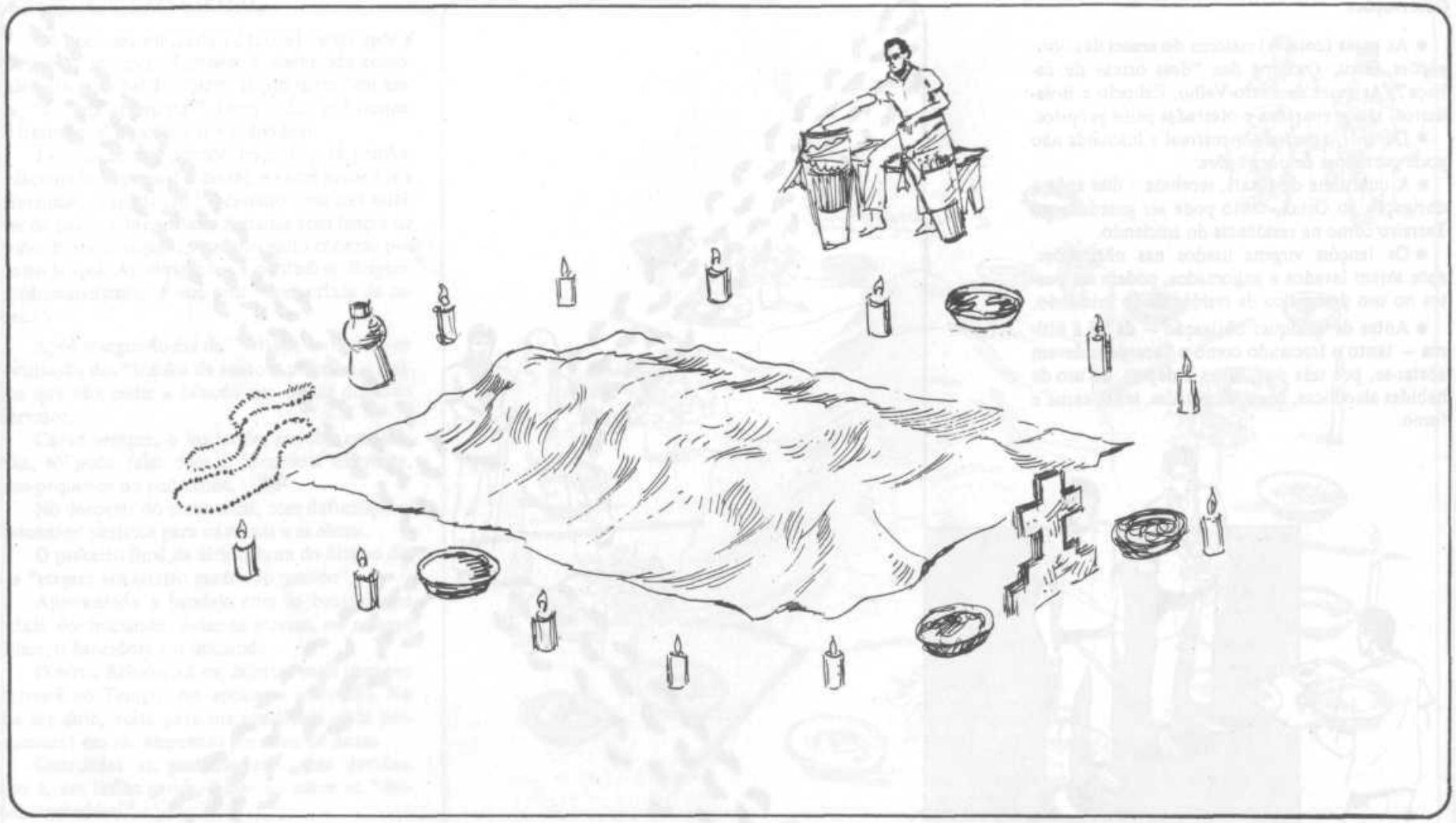
Observações

- As guias (colares) nascem do amaci das *obrigações* (Exu, Oxalá e dos "dois orixás de cabeça". As guias de Preto-Velho, Caboclo e Boiadeiros, são preparadas e ofertadas pelos próprios.
- Durante o período menstrual a Inicianda não pode participar de *obrigações*.
- A quartinha de Oxalá, recebida 3 dias após a obrigação ao Orixá, tanto pode ser guardada no Terreiro como na residência do Iniciando.
- Os lençóis virgens usados nas *obrigações*, após serem lavados e engomados, podem ser postos no uso doméstico da residência do Iniciando.
- Antes de qualquer obrigação – da 1ª à última – tanto o Iniciando como o Sacerdote devem abster-se, por três dias, antes e depois, do uso de bebidas alcoólicas, comidas pesadas, sexo, carne e fumo.



VIAGEM SIMBÓLICA AOS 4 CANTOS DO MUNDO – Caminhada que vai ultimar o ritual da 6ª Obrigação. O iniciando coberto por um lençol é guiado aos 4 cantos do Terreiro a fim de devocionar as **almas**, os **elementais** e os **orixás**. Roga proteção as entidades para sua postulação como Sacerdote de Umbanda. Cerimonial público se o Iniciando desejar.





7ª. Obrigação – CONFIRMAÇÃO SACERDOTAL

É realizada sete meses após a "deitada sacerdotal". Tem duração de 12 (doze) horas, sendo feita nas esteiras e lençóis utilizados na *obrigação* anterior. O ritual é simples, dedicado aos dois "orixás de cabeça" e a Oxalá. Presentes também estão as oferendas para as almas. Realizada essa obrigação, poderá o novo Sacerdote substituir outro Zelador na função, oficiar "giras", batizados, casamentos, abrir novo Templo etc.

O ofício sacerdotal é renovado de sete em sete anos com esse mesmo tipo de *obrigação*, para ratificar o sacramento sacerdotal.

A par da iniciação ritualística a que se submete o devoto, também lhe são transmitidos conceitos doutrinários, informações de cunho religioso e, sobretudo, a advertência da necessidade inadiável de renovação moral.

As Obrigações Essenciais podem ser cumpridas por devotos de dezesseis a sessenta anos; já as Obrigações Convencionais só poderão ser ministradas a Iniciandos maiores de vinte e um anos.

LIÇÃO DE VIDA. CAMINHO PARA A FELICIDADE

Conserve seu coração livre do ódio e a mente livre da ansiedade.

Viva com simplicidade. Fuja da hipocrisia. Espere pouco dos outros e dê muito a todos.

Encha sua vida com amor. Espelhe a luz. Esqueça-se de si e pense nos outros.

Faça aos outros o que gostaria que lhe fizessem. Não fale mal de ninguém.

Critique os seus próprios atos, examinando cuidadosamente suas ações diárias.

Experimente isso por uma semana e ficará surpreso.

A cada manhã, antes de iniciar suas tarefas diárias, faça esta oração:

"Senhor, no silêncio desta prece, venho pedir-te paz, sabedoria e força.

Espero sempre olhar o mundo com olhos cheios de amor.

Quero ser paciente, compreensivo e prudente.

Quero ver os Teus filhos além das aparências como Tu mesmo os vês e, assim, Senhor, ver somente o bem em cada um deles.

Fecha meus ouvidos a todas as calúnias.

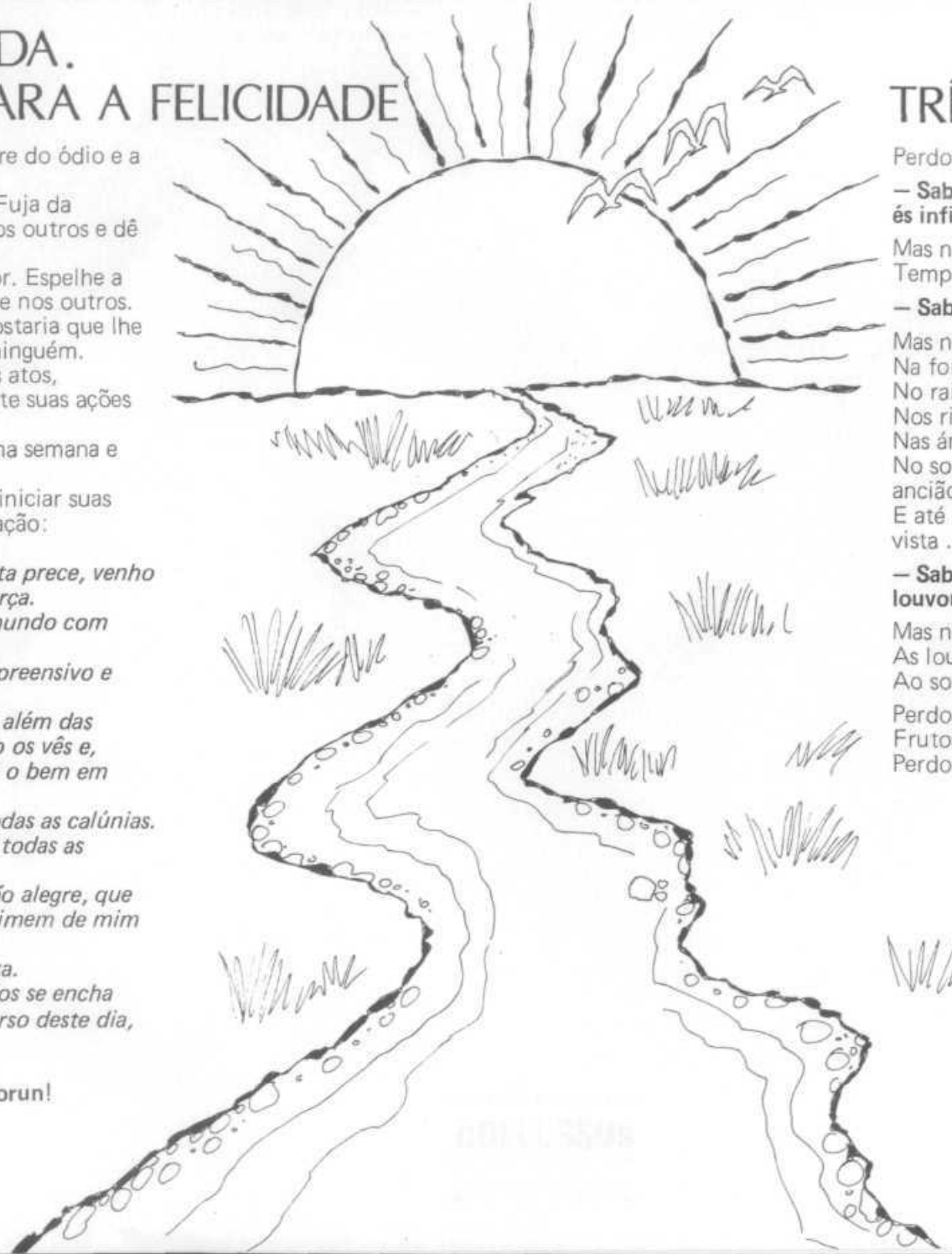
Guarda minha língua de todas as maldades.

Que eu seja tão bom e tão alegre, que todos aqueles que se aproximem de mim sintam a Tua presença.

Reveste-me de Tua beleza.

Senhor, que só de bênçãos se encha minha alma e que, no decurso deste dia, eu Te revele a todos."

Glória a Olorun!



TRÊS PECADOS

Perdoa, Senhor, estes nossos três pecados!

— Sabemos que estás em toda parte porque és infinito . . .

Mas nós Te adoramos neste humilde Templo.

— Sabemos que não tens forma alguma . . .

Mas nós Te adoramos
Na forma das estrelas que piscam no céu,
No raiar do dia e nas sombras da noite,
Nos rios e cachoeiras, ao mar e na chuva,
Nas árvores e flores que amamos,
No sorriso das crianças e no arfar do ancião . . .
E até mesmo no horizonte a perder de vista . . .

— Sabemos que não precisas de louvores . . .

Mas nós Te oferecemos, ardentemente,
As louvações destes cânticos e danças
Ao som dos atabaques . . .

Perdoa-nos, Senhor, esses três pecados,
Frutos da limitação humana.
Perdoa-nos, Senhor.

Glória a Olorun!

CADERNOS DE UMBANDA

(Omolubá)

É com grande satisfação que a Pallas Editora e Distribuidora entrega aos praticantes e estudiosos da Umbanda a segunda edição revista e ampliada dos **Cadernos de Umbanda**, de autoria do consagrado Omolubá.

Obra de caráter didático composta por quatro pequenos volumes, onde o leitor poderá encontrar informações valiosas sobre os orixás, caboclos, pretos-velhos e boiadeiros com suas cantigas, orações e símbolos, bem como informações sobre as origens da Umbanda e seus procedimentos rituais.

ISBN 85-347-0033-8

PEÇA LIVROS

UTILIZE-SE DE NOSSOS SERVIÇOS DE ATENDIMENTO PELO REEMBOLSO POSTAL.

Pallas - Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Frederico de Albuquerque, 44 - Higienópolis
CEP 21050-840 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: 270-0186 - Fax (021) 590-6996

Para saber mais sobre a Umbanda

Maria Molambo
Omolubá
Cód. 2099

Orações Umbandistas
Ernesto Santana
Cód. 2070

Sacramentos da Umbanda
N.P. Tupinambá
Cód. 2032

Magia Branca da Umbanda
Marcos Scliar
Cód. 2114

Breviário de Magia, Encanto e Feitiço
O. de Freitas
Cód. 2035

Balangandãs e Figas da Bahia
M.H. Farelli
Cód. 2010

Yemanjá a Rainha do Mar
Ariomar Lacerda
Cód. 2070